

PRIMEIRA PARTE

I - O DESAPEGO DO CORAÇÃO DOS FALSOS BENS TERRENOS (1)

1. - "Quanto é grande a insensatez de quem quer gozar os bens presentes, mesmo a custo de uma irreparável perda dos futuros"

Ó meu irmão pecador, finjamos um pouco que nos fosse dado escolher uma destas duas coisas: ou gozar por uma noite um sonho feliz, e depois despertardes pela manhã encontrar uma série de males que devam durar toda a vida; ou privar-se daquele breve e aparente prazer, até mesmo, se quisermos, sentir um sonho um pouco triste, com a segurança, porém, de ter em nossas mãos até a morte todos os bens que a terra pudesse dar.

Se houvesse alguém que iludido pela vã felicidade de um breve sonho, se contentasse de perder uma vida inteira de felicidade, não sei se em uma escolha tão extravagante mereceria ser lamentado como imprudente ou antes ser escarneado como louco. (2)

Mas o que é a vida presente - diante da eterna, se não um sonho fugaz, uma fumaça, uma sombra, um vapor que se dissipa?

Agora lhe é oferecida a escolha: ou gozar neste breve sonho algum deleite arrancado quase a força das criaturas, ou gozar uma vida feliz sem fim.

Que lhe foi dada esta escolha, você pode ouvir de Cristo: "O mundo se há de alegrar - diz Ele -, e vocês hão de lamentar e chorar, mas sua tristeza se há de transformar em alegria (Jo 16, 20). E você resolve gozar agora com o mundo, e perder assim uma alegria eterna?

Conheça bem a qualidade dos bens terrenos e dos celestes, e tanto mais discernirá a loucura de uma tal determinação: entretanto você não só escolhe um bem e um prazer brevíssimo diante de um eterno, mas ainda mais um bem só aparente em confronto com o verdadeiro.

2. - Os bens deste mundo não são senão bens aparentes

Que são de fato os bens que se gozam no breve sonho desta vida senão justamente bens sonhados?

O avaro sonha ter as mãos repletas de ouro e prata; mas ao raiar o novo dia, quando acredita ainda ter em mãos aquela riqueza, encontra-se com as mãos totalmente vazias.

Assim são os bens deste mundo, diz o Espírito Santo, que porém - falando daqueles homens que são muitos - assim se exprime: "Dormiram seu sono e depois nada encontraram em suas mãos" (Sl 75, 6).

E como a ilusão do sonho não acrescenta nada ao estado daquele pobre que sonhou ser rico - aliás aumenta-lhe a tristeza vendo-se dolorosamente privado daquilo que com tanto prazer havia imaginado possuir, - assim nem os bens presentes satisfazem o nosso coração: sinal evidente que eles não são o que parecem ser.

Diga-me. E o que quer dizer a amargura que você prova depois de haver satisfeito suas paixões, depois de não haver negado a seus sentidos todo prazer proibido? O que é aquela ânsia sempre ávida de novos bens, de novos prazeres, que quando depois de muito esforço se consegue, percebe com seu desprazer que o coração não ficou satisfeito, enquanto aumentam as inquietações e mais desejos? Como um febricitante, que acredita com um pouco de água acabar com o ardor da febre, quando na realidade mais a aumenta.

3. - Os bens deste mundo não são proporcionais ao coração humano

Mas eu quero dizer que estes bens embora verdadeiros: não são, porém, adequados ao nosso coração: por isso é que não podem jamais saciá-lo.

O deleite de fato e o prazer em que repousa o espírito movimentado por seus desejos nasce da aplicação das potências aos objetos que lhe são convenientes. Mas o objeto de um coração nos seus desejos quase infinitos não pode ser senão um bem infinito.

Como queremos, pois, que bens tão pequenos, tão limitados o satisfaçam? Se o nosso coração é tão vasto como um outro mar, como poderão pequenos regatos preencher a imensidão de suas ânsias? Ah! no Céu, no Céu encontraremos um objeto conveniente ao nosso coração, um Deus totalmente infinito.

Ah meu Deus, então, "então serei saciado, quando aparecer a vossa glória". Sim, só Vós podeis "com a torrente dos vossos deleites matar a sede das minhas ânsias" (Sl 16, 15). E para isso me haveis dado um coração insaciável: a fim de que eu entenda que só para Vós foi feito o meu coração, e que "ser sempre inquieto até que em Vós repouse". (3)

Coração humano, conheça sua loucura; para gozar um sonho perde uma felicidade eterna. Você corre atrás da sombra, da vaidade, e deixa a verdadeira Bondade, a Beleza não criada, perde aquele Deus que é tudo.

4. - Não se pede a renúncia de todos os bens desta vida

Estes argumentos que eu trouxe até agora provam por si mesmo que quando se tratasse de renunciar a todos os bens desta vida para assegurar-se dos eternos, seria grande loucura preferir a presente alegria à futura: mas não se exige tanto.

Deus não proibiu a Adão todos os frutos do Paraíso terrestre; mas só uma árvore. E quanto era fácil a Adão a condição de poder assegurar a si mesmo e a todos os seus descendentes a felicidade, tanto mais deplorável foi sua loucura em havê-la perdido por tão pouco.

Assim é o nosso caso. São honestos os bens, inocentes os prazeres que você desfruta? Continue a desfrutá-los em paz. Se por más intenções de sua mente, ou por um desregrado modo com que os usa e os ama, se tornaram ilícitos o que, ligado a outras circunstâncias, pode se tornar lícito, nada mais se exige de você senão que reforme o coração e regularize o uso.

Porque também depois de haver gozado nesta vida dos dons e prazeres que ou são honestos em si, ou tais se podem tornar pelo modo de usá-los, pode-se passar deles à felicidade eterna do Céu como do imperfeito ao mais perfeito. Tudo se resume na necessidade de privar-se dos falsos bens e prazeres que em si são torpes, de tal modo que nada pode mudar-lhes a natureza que intrinsecamente é má.

Quando se trata somente de privar-se de um prazer péssimo que desonra a razão com sua malícia, enquanto se pode com abundância gozar de outros bens permitidos, tanto maior será sua loucura em querer perder os eternos, os quais lhe prometem uma compensação incomparavelmente vantajosa. Antes, sem esperar tanto, nesta mesma vida será recompensado com superabundância de alegria.

5. - O desapego dos falsos bens terrenos é recompensado com superabundância de alegria mesmo nesta vida

E de fato assim como o vício se torna aqui na terra aos seus sequazes um grave tormento de amargura e de aborrecimento antes ainda do inferno, assim ao contrário, a virtude não demora a premiar os que a seguem, não esperando o céu para coroá-los com glória imortal; mas antecipadamente esparge delícias em toda sua vida, nutrindo-a com suaves esperanças e prazeres puros. (4)

Você talvez, que está acostumado a ver a vida mortificada e virtuosa como melancólica e triste, não acredite em minhas palavras. Eu não fico espantado. Quem está doente acredita que o vinho seja amargo e a música enjoativa, enquanto o são sente o gosto e a satisfação.

Enquanto Agostinho permanecia na imundície dos seus prazeres, ele mesmo confirma que lhe parecia impossível poder viver - e nem mesmo achar conforto - fora deles; mas depois que conseguiu com generosa resolução privar suas paixões daquela vida imunda: "Oh, quanto - é ele quem fala - oh, quanto me senti aliviado de estar livre daquelas vãs suavidades! E aquilo que pouco antes temia perder, já me era prazer deixar; pois o Senhor, ó meu Deus, verdadeira e suma suavidade, as afastou de mim; o Senhor mesmo as afastou e entrou em seu lugar, mais doce que qualquer prazer. (8)

Neste santo você pode acreditar, pois, após ter provado do mal da doença, tornou-se-lhe mais evidente a doçura da saúde.

Concluamos, pois. Se a privação de um bem e de um prazer péssimo é recompensada não só com um excesso imenso de felicidade lá no Céu, mas com superabundância de alegria também aqui na terra; qual será a loucura de quem prefere não livrar-se deles, mesmo a custo de perder para sempre sua perfeita e última felicidade?

6. - Calorosa exortação ao coração do pecador

E eis, então, ó pecador, que todos esperam sua resolução. A esperamos com desejo impaciente, pois a salvação de sua alma é tão importante para nós, como a nossa. Deus sabe com quanto afeto, prostrados em espírito diante do trono de Sua misericórdia, pedimos a sua conversão, e não cessamos ainda com as instâncias mais fervorosas para obtê-la.

Espera-o o Céu, que eu "vejo aberto sobre sua cabeça, e Jesus sentado à direita de Deus" (At 7, 55), tendo nas mãos uma coroa convida-o a conquistá-la com a vitória sobre suas paixões.

Vejo os pontos que desejam vê-lo onde eles já estão: "Não tema - dizem - não desconfie. A nós também parecia um dia difícil esta subida; mas a Graça, na qual colocamos toda nossa confiança, no-la tornou fácil, agradável, carregando ela mesmo em seus braços amorosos a nossa fraqueza. Muitos de nós, ainda na terra, pecamos como você e até mais ainda; mas porque afortunadamente ainda em tempo renunciamos os vãos prazeres do mundo, confiados na misericórdia de Deus, eis que agora estamos aqui a louvá-Lo eternamente.

Vejo os Anjos que se preparam para colocar em festa todo o Paraíso pela próxima conversão que esperam do seu coração.

Que mais? O inferno também espera, com frêmitos de indignação e de temor, suas resoluções: e já parece-me vê-lo por isso aberto debaixo de seus pés. Este é o momento que decide talvez para sempre de vê-lo perdido: temem muito, seus inimigos tentadores, que a vista do Céu e de tantos bens eternos e incomparáveis que aqui lhe são prometidos, não o façam finalmente desprezar estes bens terrenos e vãos, que até agora iludiram seu coração.

O que pensa, então? O que delibera? O que resolve? Está ainda incerto? Ainda duvidoso?

Mas se você quer seguir vivendo como vive, não é preciso resolver outra coisa. O inferno é seu. E já vejo que os demônios se esforçam para apertar cada vez mais suas correntes enquanto você se demora em resolver escapar de suas mãos.

Vamos, pois, se você resolver, resolva agora: "a graça de Deus não reconhece preparativos tardios" (6).

Você resolveu esmagar suas paixões desregradadas? sim: eu não duvido mais; seria coisa estulta se não o houvesse feito antes; impossível totalmente que não o faça neste ponto.

Levante pois seus olhos livres para o Céu. Sim: o Céu é seu. Desde este momento os santos do Céu o reconhecem como seu concidadão. Jesus já preparou o lugar que você deve ocupar, a glória com que o quer recompensar; já dispõe as graças para ajudá-lo até a feliz consecução.

7. - Oração

Ah meu Deus, meu Jesus, se é assim; se é realmente firme - como eu não duvido mais - o propósito dessa alma que se rende ao Senhor ; se as palavras de um miserável pecador como eu, ajudadas pela Sua graça, pela intercessão das orações de tantas almas piedosas, ajudaram ainda que uma só alma à companhia daquelas almas eleitas, que como prisioneiras felizes na conquista da Sua graça formam a pompa mais solene de Sua gloriosa Ascensão ao Céu; eu não lhe peço para mim outras consolações, outros confortos nas angústias da minha vida e do meu espírito; somente esta me basta, unida à esperança confiante de que me são perdoados meus inumeráveis pecados, estarei juntamente com todos meus piedosos irmãos, depois destes breves dias, gozando a sua glória por todos os séculos.

Referências Bibliográficas:

1. - V pregação: L'Ascensione: 14 de maio de 1801.
2. - S. João Crisóstomo, Ad Theodorum lapsum, II, 9.
3. - S. Agostinho, Confessioni, 1. I. c. 1.
4. - S. João Crisóstomo, Expositio in Ps, 124, 2.
5. - S. Agostinho, Confessioni, 1. 9, c. I.
6. - S. Ambrósio, Expositio Evangelii sec. Lucam, 1. II, 19.

II - EM QUE CONSISTE A VERDADEIRA FELICIDADE DA NOSSA VIDA (1)

A verdadeira e única alegria do coração é fim e objeto querido e agradável a todos igualmente. Aos que vivendo em perfeição seguem Cristo, e àqueles que ainda escravos da vaidade amam o mundo. Com uma única diferença, porém, que onde os primeiros acertam a eleição prudente dos meios, os segundos erram bisonhamente e com grande prejuízo. Qual é pois, o verdadeiro caminho para atingir a verdadeira alegria?

1. - A felicidade do mundo é coisa vã

Antes, vejamos o caminho dos mundanos. Eu penso que por juízo comum do mundo toda delícia, toda alegria consista naqueles bens seculares já enumerados pelo salmista, isto é, saber falar bem das coisas do século e ter aptidão para conduzi-las; arrebatat ou comprar honrarias, e debaixo de um falso preço enriquecer; gloriar-se nos florescentes anos da própria juventude; estimar a beleza do corpo, orná-lo, enfeitá-lo quase como um templo; ter cheios e abarrotados os celeiros; nutrir gordos e fecundos os rebanhos nos estábulos; as terras, os palácios bem ordenados e bem fornecidos de tudo; nada de prantos, de luto, de gemidos, mas no curso próspero de sua felicidade não ser perturbado por nenhuma adversidade; estas são as alegrias do mundo: "Feliz o povo agraciado com tais bens" (Sl 143, 9-15).

Mas o Espírito do Profeta sabe quanto seja falsa essa opinião de felicidade e por isso, para desengano de todos, acrescenta logo a sua opinião: "Feliz o povo cujo Deus é o Senhor" (Id 15). Eis onde está a verdadeira fidelidade, enfim viver segundo Deus. Esta sentença é repetida nas Escrituras.

2. - A verdadeira felicidade consiste na virtude

Feliz o homem que não procede conforme o conselho dos ímpios, não trilha o caminho dos pecadores. Feliz o homem a quem ensinai, Senhor, e instruí em vossa lei. Felizes aqueles cuja vida é pura, e seguem a lei do Senhor. Felizes os que caminham com pés imaculados no caminho dos mandamentos divinos. Felizes os que confiam em Deus. Feliz o homem que teme o Senhor (Sl 1, 1; 93, 1; 2,13; 111, 1).

E assim não se encontra nas sagradas Escrituras ser chamado de feliz quem é muito rico, quem é resplandecente por nobreza de nascimento ou de amizades, quem é circundado de glória, quem vive em comodidades e delícias; mas antes encontramos chamados de felizes no Evangelho os humildes, os mansos, os que choram, que padecem perseguições por causa da justiça (Mt V, 3, 4, 5, 10). Tanto é verdade que só a vida bem ordenada segundo a lei divina é feliz, e que só a virtude - embora áspera e destituída de alegrias externas e de honras, mas circundada ainda de tribulações - é agradável, contente, alegre.

3. - A verdadeira felicidade consiste no testemunho da consciência tranqüila

Se vocês olharem os frutos de algumas árvores, são de cor e aparência indeterminadas; se vocês os provarem são deliciosos ao paladar; porém a raiz da qual provém tanta beleza e doçura jaz debaixo da terra feia aos olhos, muito amarga para o gosto.

Assim - diz S. João Crisóstomo - a tristeza de quem vive segundo Deus é para produzir suavíssimos frutos de alegria. Sabem muito bem, por experiência, os que se afligiram por algum tempo para arrepender-se das próprias faltas, e choraram com muitas lágrimas na oração diante de Deus. Purificaram sua consciência (2); e quem sabe dizer a alegria que daí provém? "Esta é a nossa consolação, o testemunho da boa consciência" (2Cor 1, 12). E em outro lugar a Escritura compara a alegria de uma boa consciência com um "perpétuo festim" (Pr 15, 15).

Da consciência bem limpa surge a boa esperança. E se os que esperam ser herdeiros de muito dinheiro, ou de rica posse, ou de algum principado, são tão alegres na sua esperança: quanto mais não deveria ser a alegria de uma alma que espera com bem fundada confiança a herança de um reino eterno, celeste! Se pois esta alma eleva os olhos para o céu, e a Fé lhe mostra as grandes honras, as sobre-humanas riquezas, as puríssimas alegrias daquela pátria feliz, a Esperança logo no seu coração responde: E estes bens são tidos para mim, aliás são meus. Quanto conforto! Quanto júbilo! Quanta exultação!

4. - A verdadeira felicidade perdura também na falta de toda alegria terrena

Se nós mantivermos bem em ordem nossa vida, gozaremos também uma doce, tranqüila, perpétua alegria, que nem mesmo as tribulações externas no-las poderão tirar, mas que permanecerá sempre igual mesmo na falta de toda alegria terrena. Pois já não são as coisas fora de nós, ou prósperas ou adversas, que nos consolam ou nos afligem, mas sim as internas disposições do espírito.

E como quem tem o corpo enfermo ou febricitante, quer repousem em macios leitos, ou sentem em tronos preciosos, ou passeiem por jardins amenos, ou sentem-se em mesas lutas com músicas suaves, daí não tira alegria, mas tristeza; enquanto quem tem saúde dorme feliz mesmo sobre duro colchão, mesmo numa mesa pobre come com sabor e com gosto; assim também é na alma e muito mais; assim se quisesse viver alegre, como se estivesse são, estando doente, não posso: mas posso bem curar a alma a fim de alegrar-me.

5. - A felicidade de quem se abandona em Deus

"Eia, pois, - prossegue S. João Crisóstomo (3) - dai-me um homem que não tenha em si nada que o condene, mas certo de sua boa consciência, aspire com fervor coisas futuras, aguardando a feliz esperança: que poderá haver - pergunto eu - que possa contristá-lo?"

"Não parece que a morte seja a coisa mais intolerável do mundo? Mas a expectativa da morte não o contrista, antes o consola; pois sabe que a morte é a libertação das atuais fadigas, o caminho para chegar à coroa e aos prêmios preparados para quem luta pela virtude".

Talvez a morte prematura dos filhos o entristecerá? Ele aceitará com ânimo forte também esta e dirá com Jó: "O Senhor deu, o Senhor tirou; como lhe agradou foi feito; bendito seja o nome do Senhor" (Jó 1, 21).

Pois se nem a morte, nem a perda dos filhos o podem entristecer, muito menos a perda das riquezas poderá golpear esta alma generosa.

Cai enfermo? Pois bem: ouça ainda o sábio que adverte dizendo: "Na doença e na pobreza, confia em Deus. Pois é pelo fogo que se experimentam o ouro e a prata, e os homens agradáveis a Deus, pelo caminho da humilhação" (Eclo 2, 4-5).

6. - Um exemplo

Chega de raciocínio, de hipóteses. Vamos ao fato, no qual não só se entende, se vê, mas se apalpa.

Conta S. Gregório (4) que no seu tempo havia em Roma um homem chamado Sérvulo, bem conhecido por ele e por seus ouvintes, pobre e ao mesmo tempo enfermo, quase moribundo pela delonga da doença. Pois desde os mais tenros anos até o fim da vida permanecia paralisado com grandes dores. Não podia ficar de pé; não podia nem mesmo levantar-se e sentar-se na cama; não podia virar para nenhum lado. Que mais? Não podia nem mesmo levar a mão à boca para comer. Mas precisava que a mãe ou o irmão o alimentassem quando voltavam para casa depois de haver procurado para si e para ele um pedaço de pão ou algum dinheiro por esmola.

Eis compendiadas num só homem as maiores calamidades desta vida. Quem poderia acreditar que em tal estado pudesse haver alegria e satisfação? Porém ouçam. Ele não sabia ler, mas economizando algum dinheiro a custo de sua fome, comprou livros da Sagrada Escritura; e quantos religiosos apareciam em sua casa pedia-lhes que lessem para ele sem interrupção. E aconteceu que, quanto permitia sua capacidade, aprendeu totalmente a S. Escritura. Era esta, pois, a sua ocupação dia e noite no meio de suas dores: cantar salmos, hinos, louvores, e ações de graças a Deus.

Oh Deus! Imaginem quanta doçura, quanta alegria passava do coração à língua, que transformava em louvor também aquele ponto em que as dores a estimulavam a reclamações, e convertia em dulcíssimo mel de alegres cantos o amaríssimo fel de tantas tristezas.

Chegando, portanto, o tempo que Deus queria remunerar tal virtude daquele seu servo, e sentindo-se ele aproximar-se da morte, convidou algumas pessoas que

se encontravam em sua casa a cantar Salmos com ele à espera da passagem. E enquanto ele embora moribundo cantava com eles, de repente elevando a voz com um forte grito interrompeu a salmodia dizendo: "Calem-se! Não ouvem quantos louvores ressoam no Céu?" E prestando atenção no coração àqueles louvores que ouvia lá dentro de si, sua bela alma libertou-se do corpo. Mas ao sair espargiu naquele lugar tanto perfume que todos os presentes ficaram cheios de inestimável suavidade: sinal claro que no meio daqueles louvores aquela alma bendita já estava no Céu. E certamente era bem digno de ser agregado ao coro dos cantores celestes aquele que na vida tinha sempre emulado o fervor, a alegria, o espírito, cantado como um anjo, sem descanso, os louvores de Deus.

7. - Sigamos a virtude se desejamos ardentemente a verdadeira alegria

Sigamos a virtude, se desejamos ardentemente a verdadeira alegria. Harmonizemos bem nossa vida, e jamais nos faltará uma sólida, estável alegria, que as adversidades do mundo não nos poderão nem tirar nem diminuir. Limpemos bem a nossa consciência, e com este bom testemunho não só viveremos dias tranquilos, pacíficos, alegres, mas mesmo no terrível momento da morte - no qual a vã alegria do mundo se transforma em luto assustador - não tendo nós que temer, se robustecerá a nossa segurança, a nossa alegria será redobrada. E aos breves e felizes anos passados aqui na terra, se ajuntarão séculos eternos de total alegria na própria satisfação de Deus.

Referências Bibliográficas:

1. XXII pregação: La vera allegrezza, 21 de março de 1804.
2. S. João Crisóstomo, Ad populum Antiochenum; Hom XVIII, 3.
3. Ad populum Antiochenum, Bom. XVIII, 2.
4. Hom. in Evang. XV; Dialoghi, 1. IV, 14.

III - QUÃO FELIZ É O NOSSO ESTADO NA LEI EVANGÉLICA (1)

1. - Felizes os olhos que vêem o que vocês vêem

"Felizes os olhos que vêem o que vocês vêem" (Mt 16, 13.). Estas são as palavras de Cristo aos seus discípulos, não só os presentes, como eram então os Apóstolos e os que o seguiam, mas também os futuros, em cujo número também nós somos chamados.

A nossa sorte não é realmente em nada inferior à deles. Que viam eles, porque foram chamados "felizes"? E o que vemos nós para que não possamos ser como eles também "felizes"? "Seus olhos viam o seu Mestre, segundo o que foi profetizado por Isaías. Mas ao mesmo tempo foi também predito a toda a futura Igreja, "que jamais será tirado dela o seu Mestre (Is 30, 20). E a nós também Cristo prometeu: "Eu estarei com vocês todos os dias até a consumação dos séculos" (Mt 28, 20).

Talvez os "que segundo a carne conheceram o Cristo", serão mais felizes do que nós, "que segundo a carne já não o conhecemos"? Ao contrário eu leio: "Felizes os que não viram e creram" (Jo 20, 29). Como, portanto, "felizes os olhos que vêem"?

Existem dois modos com que se pode ver Cristo: pelos sentidos e pela fé. No primeiro modo Cristo foi visto também pelos seus inimigos; e tanto é falso que esta visão tenha podido fazer-lhes bem, que ao contrário os fez mais miseráveis, dizendo Ele mesmo: "Se eu não viesse e não lhes tivesse falado, não teriam pecado" (Jo 15, 22).

Nos dois modos os viram os Apóstolos, e por isso mereceram seus olhos serem chamados felizes. No segundo e mais perfeito o vemos nós agora, isto é, pela fé; e por isso se a nós falta a visão sensível, não somos menos "felizes" que eles.

Consideremos porém brevemente esta nossa felicidade, que consiste em Deus nos "ter chamados à sua luz admirável, junto aos Santos" (1Pd 2, 9) e "por ter iluminado os olhos da nossa mente" (Ef 1, 18) e "justificados os nossos corações por meio da lei da Fé" (Rm 3, 26-27). Vejamos finalmente quanto seja feliz o nosso estado no seu Evangelho e na sua Graça.

Para realçar um tão grande benefício - quase esquecido por muitos - empenha-nos a gratidão que devemos a Deus: o amor da nossa salvação necessariamente nos une a ele para tê-lo e usar sempre em aumento da nossa justiça, para não abusar mais em aumento do nosso suplício.

2. - A condição dos cristãos na lei evangélica é a mais honrosa e digna

Três coisas concorrem para fazer um homem feliz sobre a terra: honra, riqueza, diversão. Mas que estado jamais foi ou será mais honrado ao mundo do que o nosso?

Eu sei que em louvor da nação Hebréia foi dito pelo Salmista, que "Deus com nenhum outro povo agiu assim, a nenhum deles manifestou os seus mandamentos" (Sl 147, 20) como a ela. Disse também o Apóstolo que aos Hebreus foi confiada a eloquência divina. Moisés de fato recebeu a Lei por todo aquele povo, escrita por Deus "Sobre tábuas de pedra, e foi tão gloriosa essa 'missão' que os filhos de Israel não podiam olhar o rosto de Moisés pelo grande esplendor que dele saia" (Ef 1, 17-20).

Mas muito inferior que a nossa é essa glória. Pois aquela Lei foi dada a eles num mármore externo; nós a temos escrita internamente nos corações: para eles a letra, para nós o Espírito (2Cor 3, 3, 7).

"Eis - diz Deus por meio de Jeremias falando dos nossos tempos - dias hão de vir - oráculo do Senhor - em que firmarei nova aliança com as casas de Israel e de Judá. Será diferente da que conclui com seus pais no dia em que pela mão os tomei para tirá-los do Egito, aliança que violaram embora eu fosse o esposo deles. Eis a aliança que, então, farei com a casa de Israel - oráculo do Senhor: - Incutir-lhe-ei a minha lei; gravá-la-ei em seu coração. Serei o seu Deus e Israel será o meu povo. Então ninguém terá encargo de instruir seu próximo ou irmão, dizendo: 'Aprende a conhecer o Senhor', porque todos me conhecerão, grandes e pequenos - oráculo do Senhor, - pois a todos perdoarei as faltas, sem guardar nenhuma lembrança de seus pecados" (Is 31, 31-34).

3. - A nova lei é a própria graça do Espírito Santo

Para maior clareza do assunto não será talvez inoportuno apresentar uma doutrina muito clara do Doutor Angélico, que antes foi de Santo Agostinho. Na Lei evangélica deve-se considerar duas coisas: "A principal é a graça do Espírito Santo e se dá por meio da fé em Cristo. A segunda é letra, ou seja a escritura do S. Evangelho, na qual se contêm as coisas pertencentes à graça, ou como disposição para recebê-la, ou como meio em relação ao uso da mesma. (2.)

Como dispositivas quanto ao intelecto pela fé, por meio da qual se recebe a graça, se contêm no Evangelho aquelas coisas que dizem respeito a manifestar a Humanidade de Cristo; quanto ao afeto, se contêm no Evangelho aquelas coisas que dizem respeito ao desprezo do mundo, pelo qual o homem se torna capaz da graça do Espírito Santo; pois "o mundo - isto é os amantes do mundo - não pode receber o Espírito Santo", como se lê em S. João (Santo Tomás, citando Jo 14, 17).

O uso, pois, desta graça espiritual está nas obras da virtude, às quais de muitas maneiras a Escritura no Novo Testamento exorta os fiéis.

Ora assim como toda outra coisa se define e parece que seja constituída por aquilo que nela é principal, como a "razão" ao homem, assim "principalmente a nova Lei é a própria Graça do Espírito Santo dada aos fiéis; daí o Apóstolo a chama "Lei de Fé, Lei de Espírito e de vida em Cristo Jesus" (Rm 3, 27; 8, 2).

E o acima louvado S. Agostinho: "Quais são - diz - estas leis de Deus pelo próprio Deus escritas nos corações, se não a própria presença do Espírito Santo?" (3). Eis até que ponto se eleva a "glória" do nosso estado.

4. - Não pode haver estado de maior excelência e dignidade

Não só não houve jamais estado no mundo mais digno do que este, mas o que é mais - não pode nem menos existir, como dizia no princípio. Pois "tanto é mais perfeita uma coisa quanto mais próxima do fim último. E nenhuma coisa pode ser mais próxima do fim último do que aquele que ao último fim introduz imediatamente. Mas isto é justamente o que faz a Lei nova segundo o que diz o Apóstolo: "Tendo portanto, ó Irmãos, confiança no intróito dos Santos no Sangue de Cristo, aproximemo-nos pelo caminho em que ele nos iniciou". Daí que na presente vida não pode haver estado de excelência e dignidade maiores. (4)

5. - A condição dos cristãos na Lei Evangélica é a mais rica promessa de uma felicidade não terrena, mas celeste.

Vejamos se este estado - tão ilustre pela honra - seja abundante igualmente pela riqueza. Falando dela o Apóstolo aos Efésios: "Rogo ao Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória vos dê um espírito de sabedoria que vos revele o conhecimento dele; que ilumine os olhos do vosso coração, para que compreendais a que esperança fostes chamados, quão rica e gloriosa é a herança que Ele reserva aos santos, e qual a suprema grandeza de seu poder para conosco, que abraçamos a fé" (Ef, 17-20).

Os Hebreus tiveram na antiga Lei promessas temporais, riquezas terrenas, opulências visíveis; uma terra fértil onde corria leite e mel, ricos espólios, copiosos tributos dos seus inimigos vencidos, os palácios de seus reis repletos de preciosos tesouros de ouro e de gemas e de tudo que é mais raro no mundo. E para eles estava bem, pois eram "servos"; assim Deus pagará prontamente cada dia seu salário.

Nós somos "filhos"; e como tais nosso Pai celeste não nos oferece agora o salário diário que não se convém, mas nos prepara a herança que nos convém.

Talvez porque o mercenário pode mostrar na mão algum pagamento, diremos que ele é mais rico do que o filho que aguarda a herança, ao qual o Pai diz: Tudo que é meu é teu? Não certamente.

E se existe alguma mesmo entre os cristãos que nesta vida estime mais alguma coisa do bem presente que a glória futura, eu não me espanto, dizendo S. Agostinho, que na lei evangélica existem muitíssimos que, cristãos de nome e não de espírito, vivem debaixo da Lei, e não da Graça, e "pertencem ao Antigo Testamento que gera na escravidão" (5).

Aqueles, pois, que pertencem ao Novo Testamento entendem bem e gostam de ouvir o que a cada um deles grita o mesmo santo Doutor: "Não foi chamados a abraçar a terra, mas a conquistar o céu, não a uma felicidade terrena, mas celeste, não a sucessos temporais a prosperidades fugazes, mas a uma vida eterna com os Anjos" (6). Antes de boa vontade ouvem ainda o que diz S. Paulo: "Ninguém se amedronte em meio às tribulações presentes, pois vós bem sabeis que esta é a nossa sorte" (I TS, 3, 3). Que é o mesmo que dizer: Isto é aquilo que agora nos convém.

6. - A riqueza dos cristãos é também atual pela posse de eminentes bens

A nossa riqueza não é somente direito à futura herança; temos aqui também a posse de muitos eminentes bens.

Quem de fato dirá que não possui uma grande riqueza, quem possui uma coisa "da qual não se pode saber o valor, a cujo confronto não podem se manter o ouro ou a prata, e que supera em valor quanto mais são as coisas excelsas em valor e admiração dos homens?" E esta é a "sabedoria" (Jó 27, 15; Pr 8, 2; Sb 7, 9); que por outro lado é assim própria de todos aqueles que neste estado receberam o "Espírito e a infusão dos seis dons ou da unção do próprio Espírito", segundo o que diz S. João: "A unção vos ensina todas as coisas" (1Jo 2, 27) .

Que direi pois da "caridade infundida em nossos corações?" (Rm 5, 5) O Anjo do Apocalipse falando desta ao Anjo de Laodicéia, que de fato era pobre, embora abastado de riquezas temporais, assim se exprime: Pois dizes: sou rico, faço bons negócios, de nada necessito - e não sabes que és infeliz, miserável, pobre, cego e nu. Aconselho-te que compres de mim outro provado ao fogo, para ficares rico" (Ap 3, 17).

E em outro lugar: "se alguém desse toda a riqueza de sua casa em troca do Amor, só obteria desprezo" (Ct 8, 7) ; tanto é inestimável.

Bem pois se pode dizer com o Apóstolo a todos os que são fiéis da Nova Lei em Cristo: "Nele fostes ricamente contemplados com todos os dons... Assim, enquanto aguardais a manifestação de nosso senhor Jesus Cristo, não vos falta dom algum" (1Cor 1, 5, 7).

7. - A condição dos cristãos na Lei Evangélica é a mais agradável

Resta agora que para provar completa a felicidade de um estado tão nobre e rico, eu passe a demonstrar ainda o doce, o "agradável".

"Vinde a mim vós todos, assim suavemente nos convida o Cristo, vinde a mim vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós, porque meu jugo é suave e meu peso é leve" (Mt 11, 2 , 30). Que é justamente o que diz S. João: "Os preceitos dele não são penosos" (1Jo 5, 3). "Não são penosos - comenta S. Agostinho - a quem ama, embora sejam graves a quem não ama" (7). E a razão é clara, porque - como diz o Filósofo - "fazer aquilo que faz o justo é fácil, mas fazer do modo como faz o justo - isto é com amor e prontidão - é difícilimo para quem não tem a justiça" (Id).

E justamente "na justiça, na paz, na alegria do Espírito Santo está o reino de Deus", atesta S. Paulo (Rm 14, 17). A quem ama, pois, tudo é suave, tudo é fácil.

De modo que "as próprias adversidades - continua S. Tomás - que sofrem os observadores da nova Lei, embora não sejam impostas pela própria Lei, todavia pelo amor no qual consiste a própria Lei, facilmente são toleráveis" (Rm 8, 15). De resto o que há de mais doce, mais agradável, mais alegre que o amor? Que coisa mais suave que ser guiados e dirigidos pelo Espírito de Amor? Este é o especial sinal característico daqueles que na nova Lei receberam a "adoção dos filhos"; pois "os que agem pelo espírito de Deus, estes são Filhos de Deus" (Rm 8, 14).

"Ó quão suave é o teu Espírito, ó Senhor", exclamava o Salmista" (Sb 12, 1). Que coisa mais agradável que agir conforme o instinto da graça interior, a qual nos inclina a agir retamente e nos faz livremente agir como convém à graça, e evitar tudo o que a ele repugna. Donde se possa dizer que "onde existe o Espírito de Deus, aí está a liberdade" (2Cor 2, 17). Liberdade verdadeira, liberdade santa, liberdade "pela qual Cristo nos libertou segundo o juramento que Deus havia feito aos antigos Pais; que sem temor, livres das mãos dos nossos inimigos, sirvamos a Ele em santidade e justiça diante Dele todos os dias da nossa vida" (Gl 4, ,31; Lc 10, 17).

Este é o estado feliz de quem "habita no monte santo de Deus" (Lc 10, 23), isto é na sua Igreja, plantada com o sangue do seu Filho, que pertence à Lei nova do seu Evangelho. Feliz pela honra, feliz pela riqueza, feliz pelo amor. "Felizes os olhos que vêem o que vocês vêem".

Referências Bibliográficas:

1. XX pregação: La Legge Evangelica, 05 de junho de 1803.
2. S. Tomas, I -II, q. 106, a. I.
3. De spiritu et littera, c, XXI.
4. S. Tomas, I -II, q. 106, a. 4 c. Hb 10, 19-20.
5. Sermo III de Agar et Ismaele.
6. Sermo 296, 7.
7. In S. Tomás, I -II, q. 107, a. 4, c.

IV - A LIBERDADE DO PECADO E DO DEMÔNIO (1)

1. - Dignidade do Cristão

Digam-me, ó irmãos, se verdadeiramente todos já estão livres por aquela nobre liberdade "com que Cristo os quer libertar" (Gl 4, 31). Parece-me ver - perdoem-me ao meu amor este passo avançado - alguns de vocês ainda entre as ignóbeis correntes da sua servidão; enquanto outros - que se crêem livres - os vejo ainda entretidos por uma vã ilusão dos seus próprios adversários, os quais todavia os rodeiam e os apertam, embora mais de longe.

Agora eu lhes pergunto: Quem são vocês? Não olhem ao redor e fora de vocês. Entrem dentro: na sua parte mais sublime. Não são talvez uma imagem claríssima da Divina Face? Os patrões constituídos por Deus sobre a terra a fim de que todas as criaturas os sirvam? Os próprios céus com sua luz brilhante estão em seu obséquio; e isto pela própria natureza.

Pelas graças - vocês foram elevados à própria ordem da natureza divina que vocês participam. Sejam filhos de Deus. Cristo é seu irmão. São declarados herdeiros de Deus. Suas almas são esposas do Espírito Santo. Não lhes deu ele um penhor riquíssimo de preciosos dons? Não foram destinados Príncipes sublimes do céu para cortejá-las aqui na terra? Que mais? O próprio Filho de Deus não desceu talvez do Céu vestindo sua natureza, para conviver com vocês? E eu poderei ver com olhos indiferentes, com coração tranqüilo, os patrões da terra, os príncipes dos céus, os filhos de Deus, os herdeiros de Deus, as esposas de Deus, aviltados debaixo da torpe escravidão de seus vis escravos, feitos senhores e tiranos?

2. - O pecado e o demônio

E quem são estes tiranos que subjugaram sua natural liberdade? O pecado, o demônio.

O que mais horrível que o pecado? Ele se contrapõe às próprias perfeições de Deus, que bem pode dizer que quanto Deus é belo, bom, amável, tanto o pecado é disforme, péssimo, abominável.

O demônio é o eterno inimigo de Deus confirmado no mal, condenado a arder perpetuamente nas chamas, desterrado, banido do céu em que foi criado e galardoado pela divina magnificência do mais sublime lugar entre aquelas celestes delícias. Ingrato, soberbo, voltou-se contra Deus, arrastando na sua ruína, a terça parte daquele bellissimo exército de espíritos tão sublimes; e não domada ainda a sua soberba pela altíssima humilhação da sua pena, continua a fazer guerra a Deus, depois de tantas derrotas sempre obstinado, com os impotentes esforços de sua ira, para contrastar na terra o soberano domínio e a glória.

É implacável inimigo, também do homem, que substituído para ocupar aqueles lúcidos tronos dos quais ele foi deposto, tornou-se o objeto mais queixoso da sua inveja, do seu desespero.

Tentou no primeiro homem, com um só golpe, precipitar todos nós da bem-aventurada sorte na sua condenação; e se fomos pela Benignidade do nosso salvador recuperados para futuras esperanças, perdemos porém a felicidade terrena, inundando a terra uma formidável cheia de males. "Pela inveja do Demônio entrou a morte no mundo" (Sab 2, 34).

Não satisfeito com isto, rodeia cada um de nós com particulares insídias, renova a cada momento seus assaltos, reforça os assédios; e intolerante no seu vergonhoso destino - pelo qual sua fronte soberba deve um dia ser pisada pelos nossos pés - se esforça com artes, ilusões, violências para nos envolver no mesmo opróbrio, nos arrastar à sua perdição.

3. - A escravidão do pecado e do demônio

E se poderá ver sem lágrimas um mostro tão horroroso de malícia, um inimigo tão injusto de Deus e das nossas almas, assumir orgulho, subir no trono, exercer tirania? E onde mais? No seu coração. Naquele mesmo coração onde antes, quase um templo eleito, habitava Deus com nobre cortejo de seus dons e de santas virtudes. Oh! terrível mudança que se fez em vocês! Antes, sua alma decorada com a presença do Senhor dos Céus; agora, deturpada pela habitação infame dos escravos mais vis do inferno. Antes, reverenciada, amada pelos Anjos como filha e esposa do seu Rei, agora, abominada, confundida como serva, como prostituta.

4. - Degradação da alma no pecado

Mas isto é pouco. Considerem, ó míseros escravos do pecado e do demônio, a ignominiosa maneira com que os trata o seu patrão. Não só os faz servir ao seu fausto quase como bestas as mais vis de sua estrebaria, mas - isto que é inaudito e quase incrível se não se visse com os olhos - os transforma e os muda em bestas; aliás os desnatura tanto que os coloca mais embaixo.

Julguem vocês mesmos. Olhem aquele avaro, aquele iracundo. Enquanto os próprios animais respeitam os da sua espécie e vivem em paz com eles, o avaro, o iracundo, justamente com seus próximos, usam as maiores ferocidades. Olhem aquele homem libidinoso, se é mais que um jumento! Olhem aquele jovem impudico, seus atos, sua feição; olhem aquela mulher impudente, aquela donzela lasciva... Vocês ficam envergonhados e quase enfadados contra mim. E não ficam aliás envergonhados ao reconhecer em você a sua vergonha? Ficam envergonhados pelas minhas palavras; não ficam envergonhados pelas suas ações! Onde está a generosa e nobre índole do seu ânimo? Onde está o amor inato da sua natural liberdade?

5. - Deus está com vocês; basta só um "quero" para reconquistar a liberdade

Eia pois! Reconheçam quem lhes fala; reconheçam em mim um ministro de Sua divina Majestade à qual indignamente sirvo e em cujo nome cumpro solene embaixada junto de vocês. Eis quanto Sua divina Majestade se compraz em prometer por meu intermédio a quantos entre você estão confundidos e arrependidos de sua ignominiosa escravidão, eficazmente desejam a restituição do seu grau, da sua glória, da sua liberdade.

Irmãos, basta só um "quero" que cada um de vocês diga com toda eficácia do coração; e vocês ficarão livres, acorrendo em seu auxílio a própria onipotência de Deus. Não temam seus adversários que Deus está com vocês. Não temam suas fraquezas, se Deus está com vocês. Não temam suas fraquezas, se Deus está com vocês. Resolvam, determinem, proponham. Já o glorioso triunfador, Cristo Jesus, ressuscitou depois de haver vencido com sua morte o pecado, e o demônio. Acrescentem a glória do seu triunfo fazendo que Ele vença o pecado, o demônio, também em cada um de vós em particular.

Oh! a festa solene que se fará no Céu! Oh! a paz que passará a gozar na terra a vossa boa vontade! Oh! as abundantes consolações que o seu amoroso Senhor lhes preparou! Oh! as doces congratulações que nós também faremos com vocês!

Eia pois, acompanhem-me com o coração, que eu lhes precederei com a língua: Maldito pecado, eu o detesto! Maldito demônio, eu o renuncio! Malditas correntes de modas desonestas, de imodestos vestidos, de devassidões, de embriaguez, de lascívia, de danças imorais, de amores infames, de avarezas, de fausto, de ambições, de vaidades! Malditas correntes, odiosos vínculos, abomináveis grilhões, eu os rompo neste dia, eu os rompo para sempre, e a Vós, meu Jesus, meu Deus, me submeto, me entrego, me abandono.

Referências Bibliográficas:

1. XXIII pregação: La libertà dal Peccato e dal demonio, 2 de abril de 1804.

V - O DESESPERO DE CONVERTER-SE (1)

1. - Pela graça do salvador nenhuma doença da alma é incurável

Lendo no Santo Evangelho sobre um leproso que reza: "Senhor, se queres podes curar-me (Mt 8, 2), e tocado por Cristo imediatamente é limpo; sobre um Centurião que se achega dizendo: "Basta, senhor, uma só palavra para curar meu servo que está em casa parálítico" (Mt 8, 6); e de acordo com sua fé naquele mesmo momento o servo sara; os dois milagres me fizeram acreditar que não existe doença em nosso espírito nem incurável nem desesperada que um fácil e fiel recurso à graça benigna do nosso Salvador não possa imediata e prodigiosamente curar.

Porém se não nos sai de cima a fétida lepra dos nossos vícios, nem ressuscita o nosso coração do mórbido leito dos seis terrenos prazeres, sobre o qual jaz apodrecendo por tantos anos abandonado por suas forças; a causa não é outra senão a nossa imbecilidade, preguiça ou desconfiança.

Ó quanto mais é deplorável ver tantos pecadores, que embora ressintam do seu mísero estado, todavia não resolvem eficazmente sair dele! Sua própria miséria em vez de levá-los a livrar-se deles, desespera-lhes seus ânimos, levando-os a agravarem-se sempre mais.

Introduzir a confiança nestes ânimos tão abatidos é na verdade muito difícil. Eu gostaria de conseguir reaver ao menos um se aqui se encontrasse; mas se convém proceder bem diferente que com razões. Com a mente perturbada pelos prejuízos da sua grave apreensão ou o atingem a força dos argumentos, ou os julgam insuficientes para seu mal. Só a autoridade pode neste caso agir melhor. E se esta falta a mim, virá no seu lugar a autoridade do S. Padre e Doutor, João Crisóstomo, do qual a minha palavra tira gravíssimos sentidos (2).

2. - A conversão da alma é fruto da confiança em Deus

Pecadores, meus irmãos, como podeis desesperar de ressurgir dos vossos pecados? Antes de subir ainda mais alto de onde haveis caído, de se tornarem perfeitos cristãos, mesmo santos? Não sabeis que a Deus nada é impossível, nada é difícil? "Ele levanta do pó o indigente, e tira o pobre do monturo, para, entre os príncipes, fazê-lo sentar, junto aos grandes de seu povo" (Sl 112, 7-8).

Se o demônio pôde fazer-vos cair e precipitar-se em tanta miséria, não poderá Deus fazer-vos ressuscitar e reparar vossa ruína com maior ressarcimento? Atendei ao que fazeis desconfiando. Porque fazeis maior ofensa a Ele desconfiando, que não fazeis pecando. De fato não é a multidão ou a gravidade dos pecados que leva o homem ao desespero, mas sim um ânimo já cheio de impiedade. E por isto já Salomão disse advertindo: "o ímpio quando atinge o fundo despreza" (Pr 18, 3).

Quem caiu mesmo em culpas muito torpes, e as multiplicou quanto queira, mas não chegou à impiedade de renegar a Deus, negando seus atributos de onipotência e misericórdia, jamais se desespera, antes tem voltado os olhos ao seu piedoso Senhor até que tenha misericórdia. "Olhai-me e tende piedade de mim - vai gritando com Davi - ó Senhor, porque estou só e na miséria. Mas nem por isso deixarei de voltar-me a ti" (Sl 24, 16), nem jamais deixarei de pedir, até que tenha certeza de que tua bondade me ouviu.

Eis, irmãos, onde levam todas as artes do demônio: tolher esta feliz esperança do vosso ânimo, pois esta vos pode salvar por mais que estejais perdidos. "Porque fomos salvos pela esperança" (Rm 8, 24): é a sentença do Apóstolo. O demônio, porém vos coloca aqueles pensamentos de aviltação, de desconfiança, de desespero para que deixeis escapar da mão esta âncora tão firme, para que agitados pela procela, afoqueis no fosso da malícia.

3. - A conversão da nossa alma é querida por Deus

Nós cremos, dizeis, que Deus possa; mas o ponto está em que queira voltar para nós o seu rosto sereno e pacífico, já cheio de ira e inspirando vingança pelas nossas culpas.

Entendi. Vós medis o desdém de Deus pelo dos homens. E assim fazeis um erro de grande dano a vós, e de suma injúria a Deus, se o enfado de Deus fosse paixão como o dos homens, teríeis motivo para desesperar de poder extinguir um incêndio de ira tão vasto excitado pela vossa iniquidade. Mas como aquela bem-aventurada Essência é vazia de toda perturbação, e embora puna, não o faz movido pela ira, mas sempre mantém um cuidado amoroso por nós; devemos criar ânimo e confiar no valor da Penitência.

Persuadamo-nos que Deus nos ama mesmo quando se mostra irado, e então mais nos quer atrair a si quando tendo nós saído fora, mais nos ameaça.

Ah! irmãos! Pensemos melhor de Deus depois de termos visto que ele não poupou nem mesmo seu Unigênito Filho por nosso amor; mas o entregou aos mais cruéis tormentos e a uma morte ignominiosa para redimir-nos de nossas iniquidades.

E se por trinta e três anos o Verbo feito homem correu atrás dos pecadores fugitivos Dele; e se Ele continua ainda a mandar seus embaixadores e legados, chamando, exortando, oferecendo seu nome de misericórdia; como - agora que voltamos a Ele com o desejo embora fraco de convertermo-nos, - nos repelirá? Não, não é possível.

4. - A divina Benignidade jamais rejeita uma penitência sincera

Deus jamais rejeita uma penitência sincera, mesmo se o homem tenha caído no fundo de todos os males; mas o acolhe, o abraça, o ajuda a levantar-se, e a recuperar sua primeira dignidade. Antes - o que é indício de maior benignidade - os

primeiros passos que dá no caminho da penitência, embora poucos, embora imperfeitos embora sós, nem mesmo estes recusa, mas os recompensa com ricos prêmios. Eis como Ele mesmo fala, pela boca de Isaías ao seu povo: "Pelo crime do meu povo me irritei um momento, feri-o dando-lhe as costas na minha indignação, enquanto o rebelde agia segundo sua fantasia. Vi sua conduta, diz o Senhor, e o curarei. Vou guiá-lo e consolá-lo" (Is 57, 17-18).

Acab havia chegado ao sumo da impiedade, e o sangue inocente de Nabot, traído enquanto subia para tomar posse de sua vinha, fumegava ainda sobre a terra. Deus, profundamente indignado, mandou seu Profeta ao encontro do pérfido rei, dizendo: "Mataste e agora usurpais. E depois disto estais para fazer ainda pior. Agora te diz o Senhor: No mesmo lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabot, lamberão também o teu. Farei cair o mal sobre ti, varrer-te-ei, arruinarei tua casa e exterminarei todos os teus, porque me irritaste muito" (3º dos Reis 21, 19-20). E acrescenta a Escritura que não houve quem ultrapassasse Acab na iniquidade, tanto que "parecia vendido para fazer todo mal e era objeto de abominação de Deus" (Id, 25-26). Porém tendo este ímpio ouvido as ameaças do Profeta, cheio de terror, deu alguns sinais de arrependimento e humilhação, e "caminha triste e com a cabeça baixa" (Id, 27- 28). Quereis mais? Deus não pôde conter seu coração, se não procura logo o Profeta, dizendo com afeto de compaixão: "Tu não viste Acab humilhado diante de mim? Porque, pois, se humilhou por minha causa, suspenderei em sua vida aqueles males com que o ameacei" (Id, 28-29). Ó piedosas vísceras de misericórdia!

5. - Urgência da conversão

Somente isto bastaria, ó pecadores, para mover-vos imediatamente à penitência, seguros da benignidade de Deus em vos acolher convertidos, e do seu poder para restabelecer-vos caídos. Porém para fazer-vos resolver de fato convém que eu bata em outro ponto de não menor necessidade.

O tempo passa, e logo desaparece a aparência deste mundo. Será preciso pois deixar aqueles prazeres que agora não abandonais por eleição. Não vistes tantos que viveram entre delícias, prazeres, satisfações mais apetecíveis dos seus apetites, que agora estão mortos? Onde está agora o seu prazer? Onde estão aqueles amigos? Onde aquelas riquezas? Onde está seu corpo tão acariciado? Abramos um sepulcro; eis cinzas, ossos descamados, vermes, horror, mau cheiro. E a alma onde está? Sepultada no Inferno, em um fogo inextinguível, em trevas eternas, em aflição, em angústias perpétuas. Que adianta gozar um pouco aqui, divertir-se, enriquecer, e depois sofrer, chorar, angustiar-se eternamente do outro lado?

A vossa vida presente é semelhante a um belo sonho que dormindo se alegra de ter muitas riquezas e de encontrar-se entre delícias. Passa depressa a noite, e de manhã dolorosamente se encontra com as mãos vazias. E quisesse Deus que vos encontrásseis somente com as mãos vazias. O pior é que vos encontrareis entre tormentos inexplicáveis, sem esperança de sair jamais.

Ora, quanto tempo quereis para gozar vossos prazeres? Quantos anos quereis que vos sobrem ainda de vida? Trinta, quarenta, cinqüenta? Antes como podeis prometer-vos, se não podeis assegurar nem mesmo chegar até a tarde? E antes ainda que terminem estes anos pode terminar o vosso prazer por aquela grande mudança que ocorre nas coisas humanas, pela qual os acontecimentos mais agradáveis e mais queridos são também os mais rápidos em chegar ao fim e extraviar-se totalmente.

Mas dado que consigais gozar todos estes anos que vos prometeis, que são trinta, quarenta, cinqüenta anos diante da Eternidade? Aqui o bem e mal termina logo; lá tanto o tempo como o mal é eterno. E nesta vida gozamos quase em imagem e em sonho, e lá penaremos de fato e de verdade. É tendo podido nesse brevíssimo tempo e com pouquíssimas fadigas fugir daquelas penas acerbadas acima de todo pensamento e irremediáveis, e ganha um Paraíso de eternas e verdadeiras delícias; o outro lado será para nós um tormento pior que o fogo.

Pensai um pouco, ó pecadores, naquela bem-aventurada felicidade que Deus tem preparado também para vós; e como o amoroso e bom Senhor espera com ansiedade que vos convertais, para poder dá-la em perpétua posse. Lá não haverá mais dor, nem gemidos, nem tristezas, nem pobreza, nem doenças. Tudo paz, alegria e prazer; tudo tranqüilo, tudo sereno. Um dia perpétuo. Uma vida sem fim. Uma doce conversa com os Anjos. Uma suave concórdia com todo o coro dos Santos. Uma alegre convivência com Cristo, uma feliz visão e fruição do nosso Primeiro Princípio e Último fim que é Deus.

6. - Facilidade da conversão e suas vantagens

Ah! irmãos! Se S. Paulo julgava de pouca importância toda tribulação que ele sofria, em confronto com o peso imenso da glória (2Cor 4, 17), como não será coisa muito mais fácil acalmar as nossas paixões? Nós não vos exortamos àqueles perigos, àqueles mortes diárias, àqueles pancadas, àqueles prisões, àqueles dificuldades; mas somente para libertar-vos da escravidão do pecado, e para voltar-vos ao primeiro estado.

Porque quereis vós abater o ânimo e desconfiar? Aqueles mercadores que procurem do outro lado do oceano suas riquezas muitas vezes sofrem naufrágios; porém recomeçam animados desde o início e continuam sua viagem incerta e perigosa. Nós, certos de um êxito feliz, porque não retomaremos o curso? Permaneceremos deitados de costas com as mãos juntas a considerar inutilmente nossas perdas sem repará-las com toda solicitude?

Caíram também muitos santos; e caíram também muito grave. Caiu Davi, caiu S. Pedro e tantos outros. Permaneceram eles abatidos e prostrados? Não; antes levantaram com maior fôlego e se tornaram também mais santos do que eram antes.

Nas doenças do corpo nós jamais perdemos a esperança, como então a perderemos nas da alma que sempre têm remédio, o que nem sempre acontece

com as do corpo? Se não fosse assim, que quem pecou gravemente não pudesse mais reabilitar-se, eu diria que ninguém, senão talvez pouquíssimos, colocariam os pés no Paraíso. Mas ao contrário se vê que os Santos mais ilustres foram aqueles que antes caíram, como, além de S. Pedro, foi Madalena, foi São Paulo. Porque aquele ardor que antes os levaram a fazer o mal depois os levaram a fazer o bem. E por isso o Demônio põe todo o esforço para impedir-lhes as conversões; pois sabe que se iniciam a empresa e a penitência, não podem mais ser contidos, e se empenham com tanto fervor a servir Cristo, conscientes das suas dívidas, que se tornam eles mesmos inocentes e imaculados. "E os últimos serão os primeiros (Mt 19, 30)".

7. - Não é difícil perseverar na penitência

Não, não, meus queridos, não é difícil perseverar na penitência como quem no momento de deliberar a conversão gostaria o demônio de o fazer temer. Toda a dificuldade está somente em iniciar e em vencer a primeira vez o inimigo que com todo ardor e esforço se opõe. Pois ele também se enfraquece logo, primeiro porque foi superado uma vez, segundo porque foi batido naquela parte na qual mais forte. E vós, tomando coragem e ardor, correreis com grande alacridade e vigor este campo tão glorioso.

Eis pois, saí a campo. Não temas vossos inimigos; não olheis vossa fraqueza. Deus combaterá convosco. Ele vem em vossa defesa atraído pelo amor que vos consagra. Vem comovido pela causa tão honesta e tão interessante da virtude, da vossa salvação, da sua glória. Vem impelido pelo ódio que tem essencialmente ao pecado, para destruí-lo.

Vem obrigado pela sua própria palavra, pela qual prometeu circundar com o auxílio de sua misericórdia o pecador que a Ele volta suas esperanças; "Quem espera no Senhor, sua misericórdia o envolve" (Sl 31, 10). Esse Deus combate convosco e por vós, de que temeis? A Ele é fácil vencer tanto a poucos como a muitos inimigos. Tanto aos velhos e astutos como os novos e inexperientes. Tanto os fortes como os fracos. Caminhai pois com ânimo, combatei com energia, desde já seguros do triunfo.

Eis que, ao odor das vossas resoluções, a trepidação, se espalha no peito dos vossos infernais adversários, que temem não só perder para sempre a posse de vossa alma, por tantos anos usurpada, mas temem ainda de vós aquelas derrotas que tiveram tantas vezes de outros penitentes tão generosos.

Eis que o Céu começa a se engalantar, e afinam os Anjos suas cítaras de ouro para celebrar com alegria vossa desejada vitória. Todos nós temos os olhos voltados para vós para sermos espectadores da vossa coragem, e para congratularmo-nos e exultar ao mesmo tempo no desejo que temos de ver-vos livres da escravidão, sair cheios de honra e de espólios inimigos, restituídos ao vosso posto de altivez e de glória, que convém a filhos de Deus, a irmãos de Jesus Cristo, a cidadãos do céu.

Levantai os olhos. Vede quanto é belo o Paraíso. Se hoje vos resolverdes, vós o reconquistareis, vos recuperareis o direito perdido. Olhai lá o Cristo que vos mostra a nobre coroa que ele mesmo vos quer colocar sobre a cabeça.

Inclinai o olhar para baixo de vós. Vede o inferno aberto e debaixo de vossos pés, que já esperava um só instante para engolir-vos em uma noite eterna. Considerai de que lugar vos convém absolutamente fugir. Qualquer penitência que empreendais, será sempre menor, e muito, que o inferno que merecestes e no qual infalivelmente teríeis caídos para lá permanecer por toda a eternidade; se agora não tivésseis proposto converter-vos.

Eu me lanço aos vossos pés, e abraçando-vos com afeto, não me soltarei mais, nem pararei de chorar, nem desistirei de implorar-vos até que não tenhais misericórdia de vossa alma deliberando salvá-la a todo custo; até que não tenhais piedade de tantas almas que escandalizastes com os vossos maus costumes, reformando-os logo para edificação; até que não tenhais satisfeito o amor de Deus que deseja o vosso bem como a filhos; para glória de Cristo que derramou todo o seu Sangue para merecer-vos esta vitória; e aos nossos anseios que desejam ardentemente serem satisfeitos.

Referências Bibliográficas:

1. XXVII pregação: La Disperazione di convertirsi, 27. 01 .1805.
2. Cf AD THEODORUM LAPSUM, I. II. Pe. Gaspar escolhe alguns trechos, aqui e ali, compendiando-os, ampliando-os ou simplesmente traduzindo-os, como melhor lhe parece; adapta-os ao seu assunto e os coloca nos números 2 - 6. A peroração (n. 7) parece original.

VI - A CONVERSÃO DEIXADA PARA O MOMENTO DA MORTE (1)**1. - Não morre como justo senão quem vive como justo**

Preciosa é a morte do justo! Morre Estêvão, primeiro dos mártires, cheio do Espírito Santo; e vê os Céus abertos e Jesus sentado à direita de Deus. Morre com a alegria mais serena no espírito: "Senhor Jesus, recebi o meu espírito"; Com a consciência mais tranqüila no coração; "ajoelhado, clamou com grande voz"; com o mel mais doce nos lábios: "Senhor não lhes imputeis este pecado"; morre, ou melhor, dorme no seio do seu Senhor: "Adormece no Senhor". (At 7, 59-60). Oh! "como é preciosa diante de Deus a morte dos seus santos!" (SI 115, 6).

Quem é que não deseja ter a morte dos justos? "Que eu morra da morte dos justos" (Nm 23, 10), disse até aquele que depois morreu como ímpio. E, todavia dizem, e desejam incessantemente morrer como justos aqueles que porém querem viver como ímpios. Mas é vão este seu desejo: "o desejo dos ímpios perecerá" (SI 111, 10). Não morre como justo senão quem vive como justo. Não morre como santo senão quem vive como santo. Quem vive mal, morre mal; quem vive em pecado morre em pecado.

Sei o que me quererei opor, ó pecadores: que espereis morrer bem embora agora vivais mal, porque quereis converter-vos no momento da morte. Vãs esperanças; na morte vós não vos convertereis. Vós podeis morrer repentinamente, como em nossos dias muitos morrem. Mas eu quero que vós tenhais todo o tempo. E não obstante vos provo que não vos convertereis. Tenhais toda a oportunidade de sacerdotes entendidos que vos ajudam; vós não vos convertereis.

2. - Quem não quer converter-se agora não se converterá nem mesmo nas últimas

E por primeiro vós não vos convertereis, porque não quereis converter-vos. Parecerá talvez a vós que desde o princípio eu saia do caminho tendo de falar com tais pecadores que querem converter-se na hora da morte. Sei muito bem que vós quereis converter-vos então; mas sei ainda que vós não quereis converter-vos agora. Portanto eu deduzo: não quereis usar bem do tempo nem mesmo nos extremos.

Quem não conhece a força prodigiosa dos hábitos, radicados profundamente para inclinar e arrastar irreversivelmente a vontade aos atos convenientes a ele? Vós, resistindo agora aos convites da graça tão freqüentes, aliás, contínuos, habituais o vosso coração a uma dureza, que multiplicada por alguns dias, e agravada incomensuradamente por tantos anos, no momento da morte se encontrará ter chegado a um grau de aumento realmente monstruoso; de modo que se agora o vosso coração é duro, então será duríssimo. Como pois o quereis romper, como dobrar, como amolecer?

Não é esta simples conjectura, quando o Espírito Santo ajuntar sua sentença. É verdade irrefutável: "O coração empedernido acabará por ser infeliz" (Eclo 3, 27). Um coração duro, como usa mal do tempo agora, assim o usará mal também. Continuará na sua obstinação, na sua dureza: "acabará por ser infeliz". Atingido por tantas dores, por tantas angústias, por tantas tribulações, poderá sim blasfemar; humilhar-se, compungir-se, converter-se, não. "Acabará por ser infeliz": fará mal até o último instante.

Quantos não morreram em nossos dias como cães! Não são conjecturas estas, são fatos. Não são fatos acontecidos somente no passado; neste tempo tão depravado vêm-se acontecer quase diariamente.

Batidos, afligidos, angustiados pelos males - diz a Escritura - estrebucham, retorcem-se horrivelmente mais que mares agitados; e longe de fazer penitência para dar glória a Deus, blasfemam o Altíssimo que com tanto poder os flagela. "E blasfemaram o nome do Deus Todo-Poderoso sobre estas pragas, e não fizeram penitência para dar-lhe glória". "E comem sua língua pelas dores". E tornam a blasfemar o Deus do céu. "E blasfemaram o Deus do céu pelas suas dores e feridas". Não se convencem nem mesmo nas últimas, de arrepender-se de tanta iniquidade; "e não fizeram penitência pelas suas obras" (Ap 16, 9-11).

3. - No momento da morte não podereis converter-vos porque não estais em condições de fazê-lo

Mas vamos! Quero a todo custo o vosso bem. Tendes não só todo o tempo e toda oportunidade, mas mais ainda, todo o desejo de converter-se, como desejais tê-lo então? Será vã a vossa vontade, porque então não podereis.

Como? Oh! Deus! Você então nos desespera?

Não; antes quero que previnais o perigo de desesperar-vos não deixando para aquele momento a vossa conversão, mas fazendo logo, aquilo que não podereis então.

De fato, dissei-me, por favor: se uma dor de cabeça, uma dor de dentes, que depois de alguns dias passa, vos abate e vos ocupa a mente que não podeis pensar em outra coisa, nem fazer algo senão sentir vosso desgosto e padecer; que farão as dores e os espasmos da morte? Com as forças exauridas, nada, com o corpo arruinado, se não podeis ser aptos à menos ação, como o sereis à maior cheia de enormes dificuldades que é converter-se num momento de uma vida má e acostuada durante tantos anos ao mal? Se os próprios bons, quando a doença se agrava, se encontram incapazes, e são acostumados sempre a orar, a fazer atos de contrição, de esperança, de amor; e apesar disso sentem então grande dificuldade; como não a sentirão maior e insuperáveis os pecadores, habituados sempre ao mal e sem nenhum exercício ao bem?

A fantasia agitada, escurecida, estranhamente alterada, não apresentará ao intelecto senão imagens de terror, fantasmas de confusão, visões medrosas de objetos estragados e desfigurados.

A apreensão do juízo iminente e da eternidade próxima, os atrocíssimos remorsos de consciência que farão ver o pecado muito diferente daquele que parecia durante a vida; porque aqui se via quase como um cãozinho festivo que se acaricia nos braços, e lá aparecerá como uma enorme serpente ou como um dragão poderosíssimo e venenoso.

O demônio que andarà à roda com grandíssima raiva para devorar, como diz S. Pedro (1Pd 5, 8-9), duplicará suas tentações, apertará o cerco, se esforçará com os assaltos para fazer desesperar; farão chegar aos últimos degraus o temor, o espanto, a consternação. O temor, quando é moderado - diz S. Tomás - torna os homens solícitos para consultar e agir; mas quando se torna excessivo, tolhe de fato não só a ação, mas também o pensamento (S. Tomás, I - II, q. 44, a. 4 c.). Imaginai o que fará então aquele temor que é levado ao mais alto grau, isto é, a agonia.

4. - Exemplos

Ouvi da própria boca do Pontífice S. Gregório Magno um fato horrível de ser ouvido, acontecido na sua época, não só, mas em Roma, debaixo dos seus olhos, no seu próprio mosteiro poucos anos antes que ele o narrasse ao povo romano em uma homilia, e o tornasse conhecido a todo o mundo cristão registrando-o nos seus Diálogos.

Assim diz o Santo: "Houve um certo Teodoro, jovem muito inquieto, que mais por necessidade que por vontade veio seguindo um seu irmão ao meu mosteiro. Ele afirmava com juramento, com raiva, com escárnio que por si não chegaria jamais ao hábito da santa conversação. Agora no meio daquela pestilência que logo consumiu uma grande parte da população desta cidade, atingido pelo mal ele mesmo, chegou à morte. E estando para dar o último suspiro, reuniram-se os irmãos para proteger com a oração o seu pensamento. Nas extremidades do corpo já estava morto; somente no peito ainda continuava o desejo de calor vital. Começaram, portanto, os irmãos a reforçar as preces, quando já o viam partir a qualquer momento. De repente começou ele a gritar aos confrades assistentes e a interromper com grandes gritos suas orações dizendo: ide embora, ide embora daqui. Eis que eu fui dado para ser devorado por um dragão, que não acaba de devorar-me. Já absorveu minha cabeça na sua boca. Que se faça logo, para que eu não sofra mais aquilo que se é para fazer. Se fui entregue a ele, que me devore; porque vós me fazeis sofrer demora tão amarga? Então os irmãos começaram a dizer-lhe: Irmão, o que é isto? Faça o sinal da S. Cruz. Mas ele respondia com gritos agudos: Sim eu quero persignar-me, mas não posso. As escamas deste dragão me oprime, não posso, não posso" (2).

Oh! Deus! Pecador, pecadora, que estais aqui para ouvir estas coisas e outras acontecidas, cuidai, cuidai. Que não aconteçam para vós, que tendes que

gritar por desespero: Não posso, não posso! E certamente vos acontecerá não poder então, se agora, quando podeis, não quereis.

5. - Aquele que não quis fazer bem quando podia, não encontrará possibilidade de fazê-lo quando quiser

Mas concedamos por último que vós, tendo todos os sentidos livres, possais também valer-vos dos auxílios que Deus possa dar-vos naqueles extremos instantes para converter-vos. O mais terrível, será se vós não o tiverdes; e se os tiverdes suficientes, não os tereis eficazes, porque Deus não vo-los fará; e por isso não vos convertereis.

Deus mesmo protesta não querer dá-los a vós. "Eu vos chamei - diz Ele - tantas vezes nesta vida, e vós não me quisestes responder" (Jr 7, 13). Eu vos procuro e vos persigo amorosamente com a minha graça; e vós fugis sempre mais longe. Pois bem virá o tempo, virá a morte. "Procurar-me-eis; naquele momento procurareis a mim; e não me encontrareis" (Jo 7 34, 36), "morrereis no vosso pecado" (Id 8, 21). Levantem-se para dar-vos auxílio e defender-vos aqueles amigos que para agradá-los não duvidastes ofender-me. Levantem-se para proteger-vos aquelas criaturas em que colocastes o vosso afeto, vossas esperanças, vosso coração, tirando-o ingratamente de mim que o pedia: "Levantem-se para vos socorrer" (Dt 32, 38). Eu fecharei meus ouvidos aos vossos clamores; não mais me deixarei encontrar naquele dia; encherei o meu templo de fumaça pela majestade e pelo poder da minha justiça, a fim de que nenhum santo possa ir e interceder por vós até que não seja consumada a minha vingança" (Ap 15, 8).

Mas então o senhor não é misericordioso?

Sim, irmãos, mas Ele é também justo. Como misericordioso vos procura, vos espera, vos promete perdão agora; como justo fugirá de vós, vos repelirá, vingar-se-á até a morte de um abuso tão longo que vós fizestes das suas misericórdias.

Como misericordioso vos faz exortar agora: "porque não se alegra com a perdição dos ímpios, nem quer a morte do pecador, mas que se converta e viva" (Ez 33, 11).

Como justo vos deixará abandonados ao vosso desespero, ou endurecidos na vossa cegueira ir a té a perdição e morrer eternamente, porque se compraz da sua justiça: "Porque o Senhor é justo e ama a justiça" (Sl 10, 18). Como antes pela sua misericórdia, alegrou-se o Senhor sobre vós fazendo-vos o bem e multiplicando sobre vós suas graças; assim pela sua justiça se alegrará em pender-vos, em destruir-vos para tirar-vos de fato da posse daquela terra feliz de alegria e de repouso eterno, em que, estando com os pés na soleira, vos confiareis em vão colocar os pés.

Concluo com S. Agostinho: "Esta pena é justíssima com aquele que não quis fazer o bem quando podia, não encontre mais possibilidade de fazê-lo quando quiser" (3).

6. - Apressar a conversão

Se vã é a ilusão de morrer bem para o pecador que não quer converter-se logo enquanto está são e tem todos os meios oportunos, daí segue que vós não deveis deixar escapar da mão a ocasião favorável destes dias de graça e de reconciliação, para colocar vossa alma na amizade com Deus, e assegurar a vossa salvação. Portanto entenderéis porque eu quis entristecer-vos com um arrazoado sobre morte; porque eu olhei mais ao útil, antes à necessidade de alguns, que ao agrado, embora santo, de muitos e à minha própria inclinação. O que adianta, irmãos caríssimos, que vos digamos coisas bonitas se muitos de vós permaneçam em pecado mortal? E perseverem nas suas práticas? Nas suas dissoluções? Nas suas iniquidade? Vêm à igreja e à pregação pecadores, e depois voltam a pecar. Vêm às santas solenidades com pecado na alma e com ele continuam depois. Oh! Deus! E depois querem fazer uma boa morte? Engano, presunção, audácia detestável.

Ah! irmãos, acolhei esta luz que vos deram minhas palavras, e que eu por vós implore do nosso Pai que está nos céus com toda a instância do meu coração. Levantai-vos das trevas! "Levantai-vos do sono agora que está próxima a vossa salvação" (Rm 13, 11). Não percais tempo. Chorai, parti o vosso coração endurecido com uma salutar contrição. Resolvi mudar estavelmente de vida, mas logo, neste mesmo instante. Confessai vosso pecado; mas o mais depressa! Empreendei, fugi da má morte, já próxima de vós de modo que começa a cobrir-vos com sua sombra; assegurai-vos antes que consiga colocar sobre vós suas gélidas mãos. Pois então não tereis mais salvação; mas perecerão eternamente convosco todos os vossos bons desejos jamais conseguidos, por vossa culpa, com efeito.

Referências Bibliográficas:

1. XXVI pregação: La morte cattiva inevitabile ai Peccatori che su quel punto aspettano a convertirse, 26 de dezembro de 1804.
2. L. IV, c. 38. Narração truncada. As orações dos irmãos, fizeram fugir o dragão e o enfermo convertendo-se de todo coração, sobreviveu ainda algum tempo e terminou com uma boa morte.
3. De libero arbitrio, 1. III, c. 18.

VII - O PECADOR EMUDECIDO PELA VERGONHA CONVIDADO À CONFISSÃO

(1)

1. - Mísera condição do pecador mudo

Mísera é a condição daquela alma que seduzida pelo mundo e pela carne concebeu no coração o pecado e traiu sua fé e seu Deus.

Porém mais mísera ainda, se atormentada pelos remorsos da consciência, ou comovida pelos estímulos da graça, porém vencida por um vil pudor, mantém fechado os lábios para uma sincera confissão, e se obstina em fechar no seio daquele monstro infame, de onde se deve esperar morte certa.

E todavia quantos e quantos dos nossos irmãos pecadores permanecem neste tão deplorável estado! Quem mais tardará a prestar-lhes auxílios em tão grande necessidade?

Somente vos peço e esconjuro, ó pecadores, se neste dia ouvirdes a voz do vosso Deus, não deixeis endurecer os vossos corações (Sl 94, 8).

De resto eu não duvido que, expulso todo vão temor, aquele mesmo Jesus que afugentou o demônio mudo do energúmeno no Evangelho, não esteja para desatar também salutarmente vossa língua (Lc 11, 14-28).

2. - O convite de Deus e o engano do demônio.

Os exploradores enviados por Moisés à Terra prometida referiram tanto mal daquele país aos muito crédulos Hebreus, chegando a dizer-lhes que aquela terra devorava seus infelizes habitantes (Num 13, 33).

Assim também eu penso ter acontecido no vosso caso, ó pecadores. Deus vos chama desejoso de perdoar vossos pecados e restituir-vos na sua graça; vos excita, vos convida a confessar-se. Mas que! Não assim rapidamente vós mandais adiante algum bom pensamento a esta terra prometida e vós mostrais pela divina misericórdia, que já vos torna notícia de vãos terrores, quase de uma insofrível ignomínia que lá vos espera.

O próprio demônio amplifica, exagera, pinta tão vivo a tímida fantasia, estas falsas apreensões, que obtém finalmente fazer prevalecer em vós, à verdade das divinas promessas, seus enganos, com enorme dano para vossa alma. E aquele que pouco antes vos levava toda vergonha para pecar com mais franqueza, agora vos duplica a confusão para impedir-vos de confessar o vosso erro. E será verdadeiro portanto que em um negócio de tão grande consequência pela vossa salvação vos deixeis enganar pelos falsos relatos de um vosso tão jurado inimigo?

Merece talvez um Deus que tão ternamente vos ama, um Deus tão fiel em manter suas promessas, merece, digo, menor fé de vós que um mentiroso traidor?

3. - Vantagens de uma boa confissão

Deus vos assegura - no momento em que resolvais depor com viva dor e com ingênua sinceridade vossas culpas aos pés de um seu ministro - tirar de vós toda confusão não só, mas de trocá-la por outra glória igual.

Não se pode de fato negar, sem negar ao mesmo tempo a fé, que ele não esteja para restituir amplamente e apagar totalmente na alma toda mancha de culpa por mais grave que ela seja, - verdadeira e única razão de pudor e de vergonha - fazendo nela rejuvenescer, quase reflorir o espírito mortificado pelo cruel gelo do pecado. Aqui é onde a alma fica limpa, purificada, embelezada com um raio daquela luz puríssima que a divina face, amorosamente a ela de novo voltada, lhe difunde. A reveste do hábito precioso da graça, coloca-lhe de novo na cabeça esplêndida coroa entrelaçada de raras gemas de todas as virtudes, lhe coloca no dedo o anel de ouro da caridade, e todos os outros nobres dons e ricos tesouros de merecimentos de que lhe havia espoliado o pecado, como tinha antes de pecar. Antes pode acontecer que ela ressurgindo conquiste um grau maior de graça do que quando caiu: servindo assim a muitos este sacramento da confissão quase de fúlgida vestimenta para recobrir não só sua nudez, mas para circundá-los de muita glória.

Porque temer então ficar confusos, onde antes vos espera suma honra e glória inestimável.

4. - Vão temores

Tudo bem, dirá todavia alguém; mas o dever descobrir todos os males os mais tenebrosos segredos do nosso coração ao Sacerdote, é um peso insofrível ao nosso pudor. Que triste conceito ele formará de nós! Com quantas amargas repreensões não nos repreenderá gravando assim muito mais a nossa ignomínia!

Entendo, entendo a vós. Quero, porém, que entendais bem ainda vós de que lado procedem estes vossos temores. Na verdade outra coisa não é senão uma névoa funesta colocada diante de vossos olhos, com que o inimigo infernal, como sabe ter obcecado tantos outros, assim agora confia cegar também vós; enquanto eu vos mostro que antes deveis esperar ser acolhidos pelo confessor com muita amabilidade, e na sua opinião muito honrados.

5. - No confessor está a bondade e a misericórdia de Cristo

O sacerdote, na verdade, quando senta no sagrado tribunal da penitência, representa a pessoa do próprio Cristo, e faz sua vez. Ora se Cristo longe de rejeitar com desprezo algum pecador por mais infame, que demonstrando sinais verdadeiros de arrependimento a Ele recorreram, trata sempre com muita afabilidade os Publicanos, acolhe, amoroso, as lágrimas das perdidas Madalenas,

devolve absolvidas em liberdade as adúlteras já condenadas à morte, promete levar consigo no mesmo dia ao belo Paraíso um ladrão que se dirige a Ele da cruz pouco depois de havê-lo antes blasfemado; como poderá seu ministro não tratar com o mesmo espírito de ternura e de mansidão os penitentes mais tímidos que a Ele se apresentam? Como poderia ter horror àquelas chagas sobre as quais o divino Médico, para curá-las, derrama com igual suavidade e eficácia, não já óleo e vinho, mas - quase bálsamo celeste - todo seu Sangue precioso?

6. - No confessor está todo conhecimento das misérias humanas

Finalmente o vosso confessor é um homem semelhante a vós, sujeito aos mesmos perigos de cair, rodeado de enfermidades, tornado compassível pela experiência das próprias e alheias faltas, devendo também ele apresentar-se então a este salutar banho de penitência para lavar suas culpas. Conhece totalmente a fragilidade humana; sabe também que os próprios homens mais espirituais e santos caíram talvez gravemente. Pelo que vendo no penitente o coração aberto e desejo da eterna salvação, concebe-lhe terna comiseração, cálido zelo e fervoroso desejo de assisti-lo, ajudá-lo. Vê com ternura a vossa humilhação onde vos transformais em justos no próprio ato de acusar-vos como pecadores, segundo aquela áurea sentença de S. Ambrósio: "Sendo todos nós pecadores, é mais louvável o que é mais humilde; é mais justo quem se conhece mais indigno" (De Poenitentia, 1, II, c. 10); testemunhando o Espírito Santo que o justo é o acusador de si mesmo.

7. - A confissão sincera se transforma em honra ao penitente

Se vós não apresentastes ao sacramento senão uma matéria apenas suficiente de levíssimas culpas, o confessor, sabendo de quão graves tentações e perigos sejam circundada a vida humana poderia porventura ter qualquer suspeita que a vossa confissão não fosse totalmente sincera. Ora, ao contrário, quanto mais graves são as culpas que apresentais, tanto maior são as dificuldades que tendes que vencer, assim como ele se consola em ver-vos prevenidos por uma graça efficacíssima e superabundante, assim tem um fundamento quase seguro para acreditar que vós pertenceis já por divina determinação ao belo grupo daqueles eleitos vistos já pelo contemplativo de Pátmos, vestidos de branco diante do trono de Deus por "ter já lavado e branqueado suas estolas no Sangue do Cordeiro (Ap 7, 14).

8. - Melhor a confissão secreta no sacramento da penitência que a confissão pública no dia do júizo

Todas estas razões são na verdade, a quem bem as considera, mais que suficientes para mandar embora todas as trevas de um vão temor. Mas se por acaso acontecer - o que posso muito bem supor que o temor de uma pretensa vergonha predomine em vós a ponto de tornar-vos mudos mesmo a custo da alma, eu quero que este mesmo temor seja aquele que vos obrigue a falar.

De fato se pensardes bem, muito maior ignomínia, no vosso caso, vos deve custar o calar que custaria o falar. Se vós falais, trata-se enfim de descobrir-vos a um homem só, a um sacerdote que não vos conhece, que se também vos conhecesse, vos deveria compadecer; e quando ainda devêsseis sofrer alguma confusão, esta é breve e momentânea, sucedendo bem depressa uma grande paz, uma alegria jamais provada, uma glória sincera.

E quanto às culpas passadas, elas ficam tão sepultadas no mais alto silêncio, debaixo de um rigoroso sigilo sacramental, que em nenhum caso possível pode o sacerdote, nem com a língua, nem com um gesto embora mínimo, nem com qualquer outro comportamento, nem aos outros nem a vós mesmos fora do sacramento, fazer menção, ou dar só impressão de ligeiríssima suspeita.

Pelo contrário se muito mal vos resolverdes calar, além de provar um interior muito amargo e perpétuo rubor - remoendo sempre a vossa consciência o mal cometido - virá depois um dia em que será descoberto e publicado em face de um mundo inteiro que será testemunha da vossa confusão; protestando-se Deus nas Escrituras de querer no dia do último juízo envergonhar profundamente os pecadores, revelando diante do Céu e da terra suas mais ocultas e torpes ignomínias (Lc 12, 2; 1Cor 4, 5).

Considerai agora com S. Agostinho "se não seria melhor tolerar agora um pouco de vergonha diante de um, ou no dia do juízo, diante de tantos milhares de homens e de Anjos, ter de apodrecer na desonra de uma grave repulsa" (De Visitacione Infirmorum, 1.II, 5).

Aqueles mesmos a quem mais vos preocupa agora de manter oculto vossos pecados, não o saberão eles naquele dia? Vosso confessor de quem tanto tendes medo agora, não o verá ele também naquele dia? Que dirá, portanto, da vossa loucura vendo ter vós feito mais conta de uma pequena confusão que da vossa eterna salvação? Que dirão tantos vossos conhecidos, amigos, familiares, que tiveram talvez durante a vida boa opinião de vós, espectadores então da vossa infâmia e do vosso desespero?

Avante pois, já que vós por haver pecado deveis sofrer a confusão, eleger ao menos a menor, confessando agora a vossa falha, se a vós agrada ainda chamar com este nome de confusão aquela que na verdade para vós é mãe de tanta glória.

9. - Ou confessar-se ou condenar-se

Eia, pois, pecadores, que resolveis? Vede a que angústia final está reduzida a vossa escolha: "ou vencer, ou morrer"; ou vencer generosamente todo o pretenso rubor, ou perder a alma eternamente; sim, ou confessar-se, ou condenar-se.

Pensareis vós que vos haja outro meio para esquivar-se do inferno? Jejuai, pois, flagelai o vosso corpo, condenai-o a dormir no chão, vesti-o de pungentes cilícios, alimentai-o de lágrimas e de cinzas, fazei obras de santos e maior ainda que

de santos; que vos valerá tudo isto? Estais totalmente perdidos. Ou confissão ou condenação; não há outro meio: ou condenação ou confissão.

Confessareis, porventura, todos os outros pecados, guardando consigo aquele que vos dá mais vergonha? Mas vós sabeis também que o não dizer tudo é o mesmo que não dizer nada; é um voltar do Sacramento com os mesmos pecados de ontem, ou com um maior do que os de antes; com um horrível sacrilégio na alma. Eis: "ou vencer ou morrer"; ou confessar todos ou condenar-se.

O que, então? Esperar-se-á talvez confessá-los na hora da morte? Mas aquilo que vós conheceis dever fazer naquele ponto, porque não o fazer agora? E se estais resolvidos confessar-vos uma vez, porque não agora? No entanto se renovam as quedas, se multiplicam os sacrilégios, e se duplica assim a confusão de manifestação depois ao mesmo tempo.

Que mais? Do reter e do oprimir no coração o pecado vergonhoso nasce uma tal cegueira, uma tal névoa que leva finalmente à obstinação, portanto ao endurecimento, e este é o último passo para chegar à impenitência final.

Eu vos pergunto pela última vez: que resolveis fazer? Escarnecer talvez todas as artes do vosso maligno adversário? Vencer corajosamente todo vão temor, assegurar de uma vez a vossa eterna salvação? Felizes de vós! Se assim firmemente haveis proposto, felizes de vós. Começai agora para não parar mais depois de render, quanto mais fervorosas possais, as devidas graças àquela misericórdia que vos conduziu neste dia a ouvir suas vozes, e vos moveu o coração com tanta eficácia. Não tardeis um só momento para cooperar com um tão poderoso e extraordinário auxílio de Deus.

Eis já esta divina misericórdia, por meio do seu ministro, está esperando que vós quais filhos pródigos, mas arrependidos, vos atireis dolentes aos seus pés para levantar-vos bem depressa e esconder no amoroso aperto de seu seio a vossa nudez. Nada mais deseja que restituir-vos, junto com a paz da vossa consciência, toda a honra, toda a glória, todos os direitos de verdadeiros filhos de Deus. Que suave e substancial banquete não prepara para vós! Que festa mais alegre não se prepara no Céu pela vossa conversão! "Haverá mais júbilo entre os Anjos de Deus por um só pecador que faça penitência" (Lc 15, 7).

Referências Bibliográficas:

1. X Pregação: Il peccatore reso muto dalla vergogna invitato alla Confessione, 21 de março de 1802.

VIII - A MORTE ESTÁ PRÓXIMA (1)

1. - "Muitos são chamados, poucos na verdade escolhidos" (Mt 20,16)

Muitos são os chamados, poucos os escolhidos. Pensai bastante, refletai, considerai que se trata da alma, trata-se de uma eternidade; ou uma eterna alegria ou um eterno pranto. No entanto, a um eterno gáudio, que haverá no Céu, muitos são chamados, poucos escolhidos.

O ter nascido na Igreja católica, a quem foram feitas promessas de vida eterna, quer dizer, vós terdes sido chamados com muitos, já não eleitos com poucos, quantos balizados se perdem! Quantos que professam a verdadeira religião se perdem!

Mesmo no santo Evangelho entre muitos, tinha sido convidado às núpcias reais, antes, introduzido e admitido à sala, aquele que foi excluído do banquete no instante que estava para sentar-se à mesa com os outros, porque foi encontrado sem a veste nupcial (Jo 22, 11-14).

Oh! Deus! Quantos convidados para a glória, que já a esperam, que já estão preparados e prontos para assumir, no último instante da vida a perfeita posse, serão ao invés atirados nas trevas a ranger os dentes e chorar para sempre, como aqueles que foram surpreendidos sem a veste conveniente àquele celeste banquete, isto é, sem a graça de Deus! Pecadores, pecadores, se Cristo viesse a vós neste instante, como virá certamente no da vossa morte, que vos adiantaria ter sido chamados, convidados e quase levados à força até a soleira do Paraíso, se encontrando-vos agora despidos da graça sereis banidos eternamente? Muitos são os chamados, poucos os eleitos.

Vós pensais ter muito tempo ainda deixando para o fim, o atender o propósito da salvação. Falso, falso. Não tendes mais que o tempo presente; porque a morte já está à porta, está próxima, está iminente.

2. - Iminência da morte

Eu não falo com aqueles que, já transcorrida a maior parte de suas vidas, percebem facilmente estarem para sair daqui bastante próximo.

É muito claro que estes não têm tempo a perder, se querem pensar na alma.

Falo convosco, jovens floridos, donzelas vivazes, homens, mulheres fortes de compleição, vigorosos pela saúde. A vós eu lembro, a vós anuncio que a morte não somente virá, não somente está para vir, mas vem: "Eis que venho". E vem tão depressa, que se quiserdes esperar, podeis dizer como de um que se sabe que vem e se espera na rua, e chegando e sendo avistado, se diz: "ei-lo, ei-lo, é ele que

vem". E a morte poderá dizer levantando a voz para vós: vós não me esperáveis assim tão depressa; mas eis-me aqui, eis-me aqui: eu estou aqui, olhai-me, reconhecei-me. "Eis que venho, que venho depressa" (Ap 22, 12, 20).

Nem penseis que havê-la descoberto com os olhos ainda distante de vós, embora vindo para vós, deva demorar grande tempo para chegar.

Não, vem logo: "depressa"; pois vem a cavalo. "Olhei e vi um cavalo amarelo. O que estava montado sobre ele tinha por nome Morte" (Ap 6, 8). Corre com tanta agilidade que vence os corredores mais ligeiros e mais velozes. Antes não corre não, mas voa como os pássaros que fendem os ares com asas ligeiras: "como a águia voando para a presa"; mas foge como navio que rasga o mar impelido pelos ventos: "passaram como navios" (Jó 9, 25-26): mas passa como não deixando marca ou visão de sua rapidíssima passagem: "foge como a sombra" (Jó, 14, 2).

3. - Lembra-te que a morte não tarda

E notai que ele não para mais, nem se atrasa pela viagem. A este respeito foi muito solícito o Espírito Santo: "Lembra-te de que a morte não tarda" (Eclo 14, 12). A morte não tem necessidade de repousar, de restaurar-se ou de se refrescar, porque jamais se cansa de correr. Antes - o que é mais admirável - quanto mais - viaja, mais corre e se fortifica. Como uma rápida torrente que quanto mais avança pelo caminho, recebendo de várias partes no seu curso mais água, cresce de vigor a cada passo, de ímpeto, de ação. "Nós todos estamos morrendo, e corremos pela terra como as águas.](2Re 14, 14).

Vede, pois, se a morte já está em viagem para vós, se é chegada até vossa vista, se vem correndo com indizível velocidade, e jamais para, e não atrasa um passo, quão perto ela está para chegar, e surpreender-vos!

4. - Nada pode deter a morte

Sei no que confiais; na esperança de poder detê-la pelo caminho, de modo que não vos aflija senão tarde.

Acreditais que seja boa oposição à morte a robustez, o vigor dos membros? Mas quantos fortes e bem robustos, muito sadios como vós, não morrem todos os dias! Pensais que as comodidades da vida, o lucro que vos dá o vosso estado ou o amor próprio vos procura, sejam defesas suficientes contra seus assaltos. Mas quantos abastecidos abundantemente destas coisas não devem ceder apenas ela se aproxima!

Vós confiais nos segredos e preciosas descobertas da arte. Mas quantos, consumido todos seus haveres em procrastiná-la, quando se acreditavam mais preparados que nunca, se encontraram descobertos e inermes entre suas mãos! Não existe remédio contra a morte, não há defesa, não há impedimento que a detenha um só ponto.

5. - "Na hora em que não esperais"

Se vós vos assegurais que nesta idade a morte não virá a vós, quereis fazer parecer mentiroso o Evangelho, mentiroso o próprio Cristo que vos nega abertamente a segurança de um dia e de uma hora só: "Não sabeis nem o dia, nem a hora" (Mt 25, 13). Antes na hora que vós menos temeis a morte, que menos nela pensais, aquela é a hora em que ela mais provavelmente virá: "Na hora em que não esperais o Filho do homem virá" (Lc 12, 40). "Vigiai, pois" (Mt 25,13). Não percais tempo. Ficai alerta. Não confieis na idade, não confieis na robustez, na compleição, presumindo quase deter a morte já a caminho. Ela vem trazendo na mão os decretos marcados pelo Onipotente. Não pode ser retardada de um só dia, de uma hora, de um momento. Pouco vale fechar-se numa fortaleza inexpugnável, se, chegando ela, é preciso abrir as portas mesmo as mais fechadas, ou antes, estas se abrem por si mesmas, fossem do mais forte bronze e do mais sólido jaspe. Não há coisa que resista os decretos imutáveis de Deus.

6. - A morte vem em qualquer lugar, em qualquer tempo, de qualquer modo

Não há, portanto, outra salvação que fugir dela. Mas em que lugar estaremos seguros se ela reina em todo lugar com domínio absoluto e universal? Jó no-la descreve quase como um rei que calca sob seus pés os súditos medrosos sem que estesouse mover-se ou revoltar-se: "e a morte como um rei o calcará" (Jó 18, 14).

Ela nos pode pegar na terra, no mar, em casa, na rua, no quarto, na praça, na cidade, nas planícies, nos montes, nos jardins nas matas.

Não só em qualquer lugar, mas em qualquer tempo, de dia, de noite, de manhã, à tarde, na primeira ou na última vigília.

Não só em todo lugar, em qualquer tempo, mas de qualquer modo. Pode nos assaltar com alguma doença, com febres, com catarro, com dores, com paralisias, com convulsões, com cálculos, com apoplexias, com cânceres, e com infinitos outros tipos de doenças e de acidentes. Pode servir-se de todas as criaturas, como de causas externas, para levar-nos a vida de um momento para outro, mesmo de improviso. Eis pronta a terra com seus terremotos, o mar com suas procelas, os rios com seus remoinhos, os ares com seus hálitos mortíferos, o fogo com seus incêndios. Entre os animais, alguns ferozes saem das selvas para dilacerar com unhas e dentes, outros venenosos ora se escondem entre as flores e ervas de um jardim, de um vaso florido, como a víbora; ora se alimentam em vossa, própria casa, como aquele cachorro que uma mordida improvisa transmite para vós o veneno de sua raiva, e vos mata. Entre os próprios homens alguns vos atravessam com armas, outros com traições; lá os assassinos, aqui os ladrões noturnos, na rua um rival, em casa um amigo ou um criado infiel.

Embora a morte não tenha necessidade nem de ferro, nem de fogo, nem de veneno para tirar-vos a vida num instante. Dentro de vós há o quanto basta para

matar-vos. Como as roupas geram suas traças, assim o nosso corpo gera a podridão de que deve ser consumido: "Serei consumido como a podridão, como uma roupa que é comida pela, traça" (Jó 13, 28). Isto é próprio da traça: roer a roupa sem barulho, assim que se percebe roído, antes que se perceba que ela a rói. Quem sabe se dentro de vós a vossa vida, insensivelmente enfraquecendo-se, não esteja próxima de ser consumida?

Nada de esperar a morte distante! Nada de temê-la como em viagem! Nada de suspeitá-la próxima! Já podeis estar atingidos. Pode ser que já há muito tempo em vossas vísceras esteja trabalhando uma improvisa, dissolução. Pode estar já iminente a hora em que vos vejais consumido no corpo, sem jamais ter percebido os dentes atrozes que dia e noite maldosamente o roíam.

E se é assim, parece-vos que há tempo para perder? Que prudência é a tua, ó pecador, sejas quem for, confiar no tempo para não se converter logo e salvar a alma agora que tu podes, em um perigo tão grave que não possas mais fazê-lo e perder-te para sempre? Tanto mais que para ti a morte não deve vir no curso normal e por via ordinária, mas deve vir antecipada, deve chegar improvisa.

7. - A morte do pecador será antecipada

A proposição de que tu morras antes do teu tempo é, em termos expressos, do próprio Deus. Estas são suas palavras no Eclesiástico: "Não sejas insensato, para que não venhas a morrer antes do tempo" (2). E em Jó: "O ímpio perecerá antes que se completem seus dias" (Jó 15, 32). E ainda: "Os ímpios foram levados do mundo antes que cumprissem seu tempo" (Jó 17, 16). E no Eclesiástico de novo: "A quem aborrece a correção terá abreviada a sua vida" (Eclo 19, 5). E nos Provérbios: "Os anos dos ímpios serão abreviados" (Pr, 10, 27). E finalmente : "O aguilhão da morte é o pecado: o estímulo da morte é o pecado" (1Cor 15, 56).

8. - A morte do pecador virá repentinamente

Quanto à segunda proposição de que morrerás de repente, eis as provas das Escrituras; "O homem que despreza com cerviz dura o que o repreende, cairá de repente em total ruína, e não terá mais remédio" (Pr 19, 1); isto é aquele pecador que obstinado persevera no mau costume diante de tantos que o advertem, será colhido por morte improvisa - isto é, quando se tiverem por seguros - então lhes sobrevirá uma destruição repentina" (1Ts 5, 3). E estes são aqueles aos quais sobrevirá de repente a morte "como um ladrão de noite", como temos no Evangelho (Mt 14, 43; Lc 12, 39), pois vivem nas trevas. E no Salmo: "Ó como foram reduzidos a tal desolação! Repentinamente feneceram; pereceram pela sua maldade" (Sl 72, 19).

Mas isto é coisa de fato. Encontraremos nas histórias sagradas que os ímpios pereceram horrivelmente, repentinamente. Repentinamente morreu Faraó com todo seu exército, afogado nas águas. Repentinamente morreram no deserto aqueles Hebreus que desejavam retornar ao Egito. Repentinamente morreram aqueles

rebeldes contra o sacerdócio de Aarão. Repentinamente os murmuradores da Terra prometida, e tantos outros sem número repentinamente levados pela morte por causa de seus pecados.

Dirás que também aos justos acontece a morte improvisa.

9. - Porque também os justos às vezes se submetem à mesma morte dos ímpios

Respondo que Deus às vezes permitiu e permite isto por altíssimos fins da Providência; como permite também que os justos sejam submetidos a outras penas próprias dos ímpios nesta vida temporal. Isto, porém, não impede que a morte improvisa não seja êxito mais freqüente e mais comum aos ímpios; os quais "passam seus dias em delícias, e num momento descem ao sepulcro" (Jó 21, 13). Respondo enfim que quando em uma nação os pecados são fatos já comuns e públicos os escândalos, Deus costuma castigar nesta vida todos igualmente, e todos envolve na mesma pena; pois - como refletem S. Agostinho e S. Gregório e outros santos - todos, se poderia dizer, que de algum modo são moralmente culpados; ou porque cometem o mal, ou porque participam consentindo ou aprovando ou não impedindo com todo seu poder o mal nos outros com a correção fraterna, com o bom exemplo, ou ao menos com as mais cálidas orações; como é dever de muitos por justiça, de todos por caridade (3). "Não de outro modo - diz S. João Crisóstomo - que num bairro onde existem muitas casas juntas, quando se pega fogo em uma, se todos os vizinhos não concorrem para extingui-lo, não queima só esse, mas em um só incêndio que se espalha, ficam todas queimadas" (4). E esta é a origem das mortes repentinas acontecidas hoje, não só freqüentes, mas ordinárias e comuns.

10. - "Se queremos pensar na alma, não nos resta tempo a perder"

É preciso, pois começar a obra. É preciso logo se converter a Deus, detestar o pecado, confessá-lo aos pés do sacerdote, chorá-lo, deixá-lo, abandonar as ocasiões, apegar-se a todos os meios que forem úteis para manter firme a nossa resolução; especialmente com freqüentes e assíduas orações pedir a Deus luz e força para resistir às tentações e velar sobre nós mesmos com o exercício das virtudes cristãs; dar-nos enfim solicitude para satisfazer com voluntárias penitências e mortificações os nossos pecados até agora cometidos. Em suma reformar os costumes, instituir uma nova vida, para nos vestir com a veste nupcial que só ela nos introduz no número dos eleitos.

Trata-se da alma, trata-se da eternidade. É preciso que ceda o amor às coisas caducas e terrenas.

Trata-se de comparecer em breve diante de um Juiz terrível e inexorável. É preciso que cedam as conveniências e os respeitos do mundo.

Poucos são os escolhidos. Aquela grande multidão que segue o mundo, se porém é entre o número maior dos chamados, não é porém entre o menor e

escasso dos eleitos, antes é abertamente excluída, como vimos pelo Evangelho. Quem quer salvar-se com os poucos, viva com os poucos.

A graça de Jesus Cristo, que pelo meu ministério vos chamou novamente, vos ajude a começar, e vos conforte a perseverar. Assim

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XXIV: La morte imminente, 29 de setembro de 1804.
2. O texto está no Eclesiastes, VII, 18.
3. Citação resumida de textos esparsos. Cf S. Agostinho, De civitate Dei, 1. 1, c. 9.
4. Citação resumida. Cf. Hom. X, in ep, ad Ephesios, 2, 3.

IX - A MORTE É TERRÍVEL PARA CADA HOMEM (1)

1. - O fim universal do mundo

O santo Evangelho no capítulo 21 de S. Lucas nos convida a pensar no fim universal deste mundo. Este pensamento deve atemorizar todas as nossas paixões e fazer-nos entrar seriamente em nós mesmos. Os sinais pavorosos do formidável e último juízo nos vêm descritos por isso pelo próprio Cristo. "Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; na terra, consternação dos povos pela confusão do bramido do mar e das ondas, mirrando-se os homens de susto, na expectativa do que virá sobre todo o mundo, porque as virtudes dos céus se abalarão" (Lc 21, 25-26).

Oh! Deus! Que dias funestos! Oh! que tempo espantoso será aquele! Cada um de nós vai dizendo: Peço ao Senhor que me tire a vida antes daqueles terríveis momentos. E assim esperando cada um de morrer antes, industria-se para tirar de si o medo daquele dia tremendo.

2. - O dia em que eu morrer será para mim o fim do mundo

Mas eu queria que refletíssemos um pouco melhor. Não será talvez a morte para cada homem, em particular, o que para todos os homens deverá ser o morticínio universal? Aquele dia em que eu morrer, que cada um de vós morrer, é para mim, para cada um de vós, o fim do mundo. Como, portanto, é tão temido por todos aquele dia, e tão pouco pois comumente este? Talvez podemos fugir deste dia que possamos não morrer? Ou que este dia deve ser menos temido?

Eis que vos apresento rapidamente somente três efeitos terríveis da morte: a perda do corpo, a perda dos bens temporais, o perigo de perder a alma. Veremos se a morte é para ser menos temida que o fim do mundo; e o veremos pelo efeito deste temor, que é abandonar toda vaidade da mente, desapegar o coração dos afetos terrenos, e colocar o homem no ponto de providenciar seriamente a salvação.

3. Estamos condenados à morte

Entre os outros dons sublimes de que foi adornada a natureza humana apenas saída das mãos do seu excelso Criador, é a imortalidade: "Deus criou o homem imortal" (Sb 2, 23). Nós fomos criados por Deus para viver sempre. E se agora nós devemos morrer, isto é por sentença de pena estabelecida: "está escrito que os homens morram uma só vez" (Hb 9, 27). Somos condenados à morte.

A morte não existia no mundo; aquele primeiro homem que introduziu o pecado trouxe também a morte: "Como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte" (Rm 5, 12).

Acreditava aquele nosso primeiro pai poder tornar-se igual a Deus: "sereis como deuses" (Gn 3, 5). E Deus o condenou a tornar-se pó: "em pó te tornarás" (Gn 3, 19); para que se esclarecesse com o fato de ser pó e não Deus, e a Deus se sujeitasse com a humilhação, quando tolamente queria engrandecer-se com a soberba: "porque és pó".

Sim fomos condenados à morte pela soberba dos nossos progenitores e somos condenados também todos nós, filhos, para que aprendamos a ser humildes diante de um Senhor tão poderoso: "humilhai-vos pois sob a poderosa mão de Deus" (1Pd 5, 6).

Parece-vos que um condenado à morte deva andar de cabeça erguida e arrogantemente? Olhai aqueles que são levados à forca: pálidos, trêmulos, cabeça inclinada! Nós estamos neste caso. Se o caminho para o patíbulo é porventura um pouco mais longo, não teme, porém, menos aquele infeliz que é levado para ele. Não são como bestas insensatas e animais irracionais, que pulam nos prados e brincam nas ruas mesmo indo para o matadouro. O homem teme à vista de um mal gravíssimo, irreparável, iminente.

4. - O aspecto da morte

Devo morrer. É preciso que deixe este meu corpo. Deverá reduzir-se em um cadáver corrupto, horrível, nauseante.

Não posso me ensoberbecer, nem sei do que. Talvez da beleza, da vivacidade, do brio? Mulher vaidosa, jovem bela, admirai-vos no espelho; eis um daqueles ídolos que são adorados por vós, aterrorizados pela morte. "Eis um cadáver mudo, esquelético, descarnado, os cabelos eriçados, os cílios hirsutos, os olhos abatidos e igualmente cerrados, a face transfigurada, a cor lívida, os membros enregelados e rígidos e toda a pessoa decadente; um esqueleto horrível, uma sombra noturna, um fantasma aterrador". Este é um retrato ao natural do vivo pincel de Bartoli. (2).

E onde está a pompa das vestes, dos ornamentos? Envolto em uma mortalha se coloca fora de casa porque não podem agüentar seu mau cheiro. E para onde vai? Para uma fossa. Aqui estão reduzidas as amplas posses, os majestosos palácios. Os perfumados jardins se transformam em fétido sepulcro; o esplendor do ouro e da prata se muda na imundície e na sujeira. À nobreza, da parentela sucede a fraternidade com os vermes e com a podridão. Aquele que todos predominava com a prepotência e com o luxo jaz sob a terra e é pisado pelos pés de cada um que passa. "Porque se ensoberbecem a terra e a cinza? (Eclo 10, 9).

5. - O amor às coisas terrenas torna mais amarga a morte

Vai não obstante, ó mísero, e apostatando pela tua soberba do teu Deus, único e verdadeiro bem, teu último fim, coloca tua felicidade, tua paz, nestes

ilusórios bens do mundo. "Ó morte quão amarga é tua memória para um homem que tem paz no meio de suas riquezas!" (Id 41, 1).

Se só o pensamento de morrer te amargura a posse, provarás como será para ti amaríssima a morte que de todos estes bens igualmente e para sempre e à força te separará. Reflete que mais te será dolorosa esta perda quanto mais é agora amado aquilo que deves perder. E, porém, não é verdadeiro que tu amas as coisas terrenas e caducas, não só mais que teu corpo - que seria pouco - mas mais ainda que tua própria alma? Tu estás pronto para perder esta, muitas vezes, para não perder aquelas. Que será pois quando apesar de tudo as perca? Aumentará a dor da separação quanto mais te custaram a posse e a conservação. Quantos pensamentos, quantas fadigas, suores, perigos, quantas lidas, quantas vigílias, quanto tempo, quanta, solicitude: tudo perdido!

Multiplicar-se-á a amargura desta separação quanto mais forem as coisas amadas de que te deverás separar. Tantas divisões, tantas dores. Dores pela riqueza, pelos prazeres, pelas honras. Dores pelos parentes, pelos amigos, pelas conversações. Dores pelos palácios, pelas vilas, pelas terras. Dores pelos festins, pelas músicas, pelos amores. Dores por tudo aquilo ao qual era antes afeto, delícia, prazer.

6. - A separação é tanto mais dolorosa quanto menos prevista

Será muito maior a dor desta perda, por chegar impensada e totalmente imprevista. Pensava-se, quase, que este mundo devesse durar eternamente.

Tinha reunido muitas riquezas aquele tal e dizia entre si: "Minha alma, tens muitos bens em depósito para largos anos, descansa, come, bebe, regala-te". E eis uma voz que intima: "Néscio, esta noite te virão buscar a alma; e as coisas que juntaste, para quem irão? (Lc 12, 20).

Outros então gozarão aquilo que preparei para gozar; e eu devo deixar? E nem mesmo saberei quem gozará o que deixo?

Perco estes bens falazes que tanto amei; e por haver amado estes bens falazes perco, perco ainda para sempre o verdadeiro bem que podia e devia eu amar e não amei.

Se eu tivesse amado a Deus! Deus não me teria faltado; e com Ele não me teria faltado nenhum outro bem.

Perco agora todo bem e vou encontrar - pelos bens falsos e defeituosos que amei - verdadeiros males, infinitos intermináveis.

O temor de perder a alma, de que angústias, de que penas, de que ânsias não deve atormentar o homem colocado neste terrível momento! À vista do iminente extremo perigo!

7. - O momento terrível do qual depende a eternidade

"Cercaram-me dores de morte" (Sl 17, 5; 114, 3). Vede uma cidade cercada por forte assédio. É batida, abalada por toda parte. Ruídas finalmente em muitos lugares as muralhas, abertas as brechas, o exército vencedor dispõe furibundos assaltos. Que confusão! Que perturbação! Que desespero na mísera população!

Tal será a alma assediada no seu corpo por aquele feroz bando de males que militam sob as bandeiras sempre vitoriosas da morte. Sem jamais dar trégua e repouso, esta implacável inimiga combate com tal furor, com tanto ímpeto agita os membros, que a alma desesperando de poder se defender, abandona a amada morada aos direitos da conquistadora. "Pisa sobre ela como um rei vencedor". (Jó 12, 14).

Ó Deus! E a alma infeliz para onde fugirá? Para o outro mundo, para a eternidade! E que espaço se destina para esta fuga? Quando tempo se concede? Um ponto só, um só instante, um momento. Este é "o momento de que depende toda a eternidade". "E estas são aquelas portas horríveis" (Jó 37, 17), que num só passo mudam a alma do tempo para a eternidade. Este é o ponto em que se decide a sorte do homem estavelmente, imutavelmente, para sempre. O momento terrível! Ó passo terrível! Ó instante tremendo!

Em um momento, eis que extremos se apresentam: ou Céu, ou inferno; ou suma glória, ou suma ignomínia; ou perpétuo prazer, ou perpétuo padecer; ou eterna felicidade, ali eterna miséria.

Ó Deus! Que perigo! Que perigo enorme de perder-se!

8. - Motivos de terror

Acrescentai que a suma dificuldade de esquivar-se do mal iminente ocupará então a apreensão do ânimo.

E antes de tudo pela consciência dos próprios pecados. Estes horríveis monstros, presentes vivamente no pensamento não nó seu gênero, mas nas várias espécies, no número, na gravidade, na pena correspondente, ocuparão de tal maneira a mísera alma amedrontada, que, vendo-se rodeada e carregada de tanta malícia, de tanta feiúra, de tanta deformidade, será constrangida a odiar-se a si mesma. "Comparecerão medrosos com a lembrança dos seus pecados, e as suas iniquidade se levantarão contra eles para os acusar" (Sb 4, 20).

O espanto, a perturbação, a consternação que lançara no ânimo uma visão tão horrível, é descrita pelo salmista com a semelhança de uma torrente cheia de ímpeto e ruína: "As torrentes da iniquidade se conturbaram" (Sl 17, 5).

Tem medo a alma de sair; teme por os pés na eternidade; quereria retirar-se, mas em vão; a morte já a empurra.

Ela procura quem a possa salvar, e ninguém há que a liberte. Procura companhia, e ninguém há que a acompanhe. Procura advogados e protetores, ninguém que a defenda. Totalmente sozinha deve caminhar, seguida de suas obras: "suas obras o seguirão" (Ap 14, 13).

Quem devesse caminhar no escuro por lugares desconhecidos e perigosos e devesse andar entre horrores em silêncio e de trevas totalmente sozinho: que medo! Mas quanto maior medo não será encaminhar-se ao outro mundo, onde não sei a qual sala meus merecimentos me conduzirão! E o horrendo tribunal que me espera! E o Juiz, que temo, desprezado por tantas ofensas! E a Misericórdia que cede lugar à Justiça! E aquela decisão inexorável e, além do mais, severa!

As próprias obras do justo serão sutilmente pesadas com justiça: "eu temia todas as minhas obras" (Jó 9, 28). Os próprios santos tremiam! "Apenas o justo se salva" 1Pd 4, 18).

E estes inimigos que agora me combatem mais ferozes que nunca, e me aviltam, e me apertam como leões famélicos para devorar-me! "Porque o demônio, vosso adversário, anda ao redor, como um leão que ruge, buscando a quem devorar" (1Pd 5, 8) em todos os tempos! mas sabendo ele então não ter mais tempo, põe em ação todas suas forças e dá as últimas provas de sua astúcia e do seu furor: "com grande ira, sabendo que lhe resta pouco tempo" (Ap 12, 12).

Ó Deus! Em tanto perigo de perder-me, em tanta dificuldade de salvar-me, entre tantos raivosos inimigos que me levam à ruína, oh! Deus! E se me perder? Perco o Céu, caio no inferno. Perco um Paraíso de todo bem, perco aquela felicidade última e suma para a qual fui criado. Perco o meu Deus, minha verdadeira felicidade, por um mísero bem aparente, que eu, estulto, na vida amei e que logo desapareceu. Encontro um inferno repleto de todo mal. Encontro um sofrimento intolerável, sem conforto e refrigério. Encontro uma miséria extrema que eu podia facilmente evitar quando havia tempo para converter-me, e Deus mesmo oferecia sua graça, sua misericórdia.

9. - Se só uma vez se perde a alma, perde-a para sempre

Coitado de mim! Se me perco agora esta perda é irreparável. O machado já está colocado à raiz da árvore; de qualquer lado que ela caia, aí ficará para sempre: "Se a árvore cair para a parte do meio-dia, ou para a do norte, em qualquer lugar onde cair, aí ficará" (Ecl 11, 3).

Aquele fogo inextinguível queima qualquer botão de esperança que eternamente possa mudar de lugar e sorte: "inflamabit eos dies veniens quae non derelinquet eis germen" (Mt 4, 1).

Abrir-se-á - diz S. Agostinho - o Inferno como um poço de fogo ardente. "Se poderá descer, sair não se poderá" (3).

Assim pois rezava Davi atemorizado para que aquele poço horrendo não fechasse sobre ele a sua boca: "nem a boca do poço se feche sobre mim" (Sm 68, 16).

Ó vós que viveis agora esquecidos de Deus, prestai atenção a estas coisas: pois se uma vez só se perde a alma, está perdida para sempre: "Entendei isto, vós que vos esqueceis de Deus, não suceda que vos arrebate, e não haja quem vos livre" (Sl 49, 22).

10. - Salvai vossa alma

Creio ter provado suficiente quão terrível seja a morte para qualquer homem, pois com ela termina todo bem do corpo do qual o homem loucamente se envaidecia; e termina todo bem na terra, no qual colocava fora de ordem o coração; e agora corre grande risco de encontrar um grande mal e sem fim.

Para mim a conferência está concluída: a vós cabe deliberar. Não há necessidade que alguém vos ensine o que deveis fazer. Tendes bastante argumentos para julgá-lo vós mesmos; em outro lugar vos foi dito e agora se vos diz novamente. Dizê-lo mais uma vez seria perder tempo.

O que se requer agora é unicamente resolver-se com eficácia e começar a trabalhar. Tudo isto está em vós, como também a alma é vossa. Se vós não pensardes nela, quem pensará? se vós não a salvais, quem a salvará?

Referências Bibliográficas:

1. Pregação 32: La Morte terribile a ciascun uomo, 8 de dezembro de 1805.
2. P. D. Bartoli S.J., L'uomo in ponto di morte. Introdução.
3. Sermo 252 in Append. No lugar de REDITUS o texto registra ASCENSUS.

X - O JUÍZO UNIVERSAL (1)

1. - Temei a Deus e a Ele honrai, porque já se avizinha a hora do seu juízo (Ap 14,7).

"O grande dia do Senhor está próximo; está próximo, vai chegando com velocidade; amargo é o ruído do dia do Senhor; o forte se verá gele em grande aperto. Esse dia será um dia de ira, de tribulação e angústia, um dia de calamidade e miséria, um dia de nuvens e tempestades, um dia de trombeta e de gritos guerreiros contra as cidades fortificadas e contra as torres elevadas" (Sf 1, 14-16).

"Soltai gritos, porque o dia do Senhor está perto; virá do mesmo Senhor uma como total assolação. Por esta causa todas as nações perderão o seu vigor, todo o coração do homem desanimará e ficará quebrantado. Apoderar-se-ão deles convulsões e dores, e gemerão como a mulher que está de parto; cada um ficará atônito, olhando para seu vizinho, os seus rostos tornar-se-ão inflamados. Eis que virá o dia do Senhor, o dia cruel e cheio de indignação de ira, de furor, para transformar a terra numa solidão e para exterminar dela os pecadores. Porquanto as estrelas do céu e o seu resplendor não espalharão a sua luz; cobrir-se-ão de trevas o sol no seu nascimento, e a lua não resplandecerá com a sua luz" (Is 13, 6-10).

"Grande, terrível dia e quem jamais o agüentará?" (Jo 3, 2).

Oh! Deus! Como e quando virá este dia?

"Todavia como um ladrão - diz S. Pedro - virá o dia do Senhor, no qual, passarão os céus com grande estrondo, os elementos com o calor se dissolverão e a terra e todas as obras que há nela serão queimadas" (2Pd 3, 10).

E quando virá este dia?

Responde o Apóstolo: "Quando disserem paz e segurança, então lhes sobrevirá uma destruição repentina" (1Ts 5, 3).

Porém quando será? Quando?

"Mas quanto àquele dia e àquela hora, ninguém sabe, nem os Anjos do Céu, nem o Filho, mas só o Pai. Assim como foi nos dias de Noé, assim será também à vinda do Filho do homem. Porque, assim como nos dias antes do dilúvio (os homens) estavam comendo e bebendo, casando-se e casando seus filhos, até o dia em que Noé entrou na Arca; e não souberam nada até que veio o dilúvio, e os levou a todos; assim será também na vinda do Filho do Homem" (Mt 24, 36-39) .

Temei a Deus pois, e a Ele honrai, porque já se avizinha a hora do juízo".

Aliás não me contento que vejais o juízo como próximo, mas mais ainda eu quero que o considereis como presente.

2. - Levantai-vos ó mortos!

Eis, portanto, um mundo já feito um deserto, o céu coberto de um véu tenebroso, funéreo. Sobre a terra queimada, fumegante ainda do vasto incêndio nada mais passeia senão um formidável silêncio.

Onde estão agora aquelas cidades tão fortes e populosas? Onde aqueles monumentos e aqueles troféus soberbos levantados pela ambição e pelo fausto. Onde aqueles campos tão férteis e deliciosos! Ó terra, onde estão agora os teus avaros possuidores? Onde estão teus mais fanáticos amantes?

"E não se ouvirão mais em ti a voz dos tocadores de cítara, dos músicos tocadores de flauta e de trombeta; não se encontrará mais em ti artista algum de qualquer arte; e não se tornará mais a ouvir em ti o ruído da mó" (Ap 18, 22).

Assim pois passou a glória deste século?

Eis que Deus já tem "quatro Anjos nos quatro ângulos da terra" (Ap 7, 1) para chamar com forte toque das sonoras trombetas o mudo sonolento mundo. "Levantai-vos, mortos, levantai-vos! Abrem-se os sepulcros: a terra, o mar, os abismos se apressam em devolver seus mortos" (Ap 20, 13). Ouviu-se um ruído, depois fez-se um reboliço; os ossos se aproximaram uns dos outros, pondo-se cada um na sua juntura. Olhei e eis que se formaram sobre eles nervos e carnes para os revestir e a pele se estendeu por cima" (Ez 37, 7-8).

"Levantai-vos mortos!" Abre-se o céu, fecha-se o inferno.

Voam as almas bem-aventuradas com alegria para revitalizar aqueles membros que um dia foram ministros da sua santificação e agora são companheiros da sua glória.

Desencovam-se as almas condenadas, e são com violência obrigadas a aprisionar-se nos seus antigos corpos.

3. - O desespero dos ímpios

Horrorizam-se ver ao redor uma tão fétida monstruosa carniça, que empesta o ambiente com grave fedor e espanta com horrenda máscara. Porém é aquele o teu corpo, senhora vaidosa, jovem estulta, que tu acariciavas com tanto trabalho, que tu vestias com tanta delicadeza, que tu amavas com tanta perdição. Mísero! No que mais empregastes os teus pensamentos, teus cuidados, teus amores! "Levantai-vos, levantai-vos vinde ao juízo". Ao grande vale: "pois eu congregarei - diz Deus - todos os povos e os conduzirei ao vale de Josafá, e aqui discutirei com eles" (Jl 3, 2).

Fugi, ó pecadores, fugi da espada de um Deus irado. Mas para onde irão longe do teu espírito, ó meu Deus, e para onde fugirei da tua face"? (Sl 138, 7). Que fareis, pois em um dia de visita tão grave e de tão acerba calamidade? A quem voltarei esperando socorro?

Mísero! Que poderei fazer, quando Deus aparecer para julgar-me e quando Ele me pedir contas, que poderei responder-lhe? Onde me esconderei do seu semblante indignado? "Quem me dera que eu pudesse fechar-me no Inferno até que passe o teu furor"? (15, 13). Em vão "gritam os pecadores aos montes: Caí sobre nós?" Em vão às colinas, cobri-nos!" (Ap 6, 16; Lc 23, 30).

4. - O comparecimento do Juiz divino

Já cintila do oriente até o ocidente improvisa luz fulgurante (Mt 24, 27). Já se percebe no alto do céu a cruz elevada: Pecadores, eis "o Legislador, eis o Juiz, o único que pode salvar e perdoar" (Tg 4, 12) . "Eis que já vem sobre as nuvens e verão os vossos olhos Aquele que haveis ferido" e crucificado tantas vezes com vossos pecados. "E haverão de chorar e baterão no peito ao vê-Lo todas as tribos da terra" (Ap 1, 7). "Diante de sua face um fogo devorador o precede" (Jl 2, 3) "Para queimar ao seu redor os seus inimigos" (Sl 96, 3). "Porque o Senhor virá no meio do fogo, o seu carro será como um torvelinho, para espalhar a sua indignação, o seu furor e as suas ameaças em labaredas de fogo" (Is 66, 15). "Eis que o nome do Senhor vem de longe, o seu furor é ardente e insuportável; os seus lábios estão cheios de indignação e sua língua é como um fogo devorador. O seu sopro é como uma torrente que, inundando chega até o meio do pescoço, para perder e aniquilar as nações e (quebrar) o freio do erro, que estava nos queixos dos povos" (Is 30, 27-28).

5. - A amarga separação

Com fulgurantes espadas "saem os Anjos para separar os bons dos maus, os cabritos dos cordeiros" (Mt 13, 49; 25, 31-33). Amarga separação! Divide-se para sempre o filho do pai, a mãe da filha, o irmão, o parente do irmão e do parente, o amigo do amigo. Estes à direita, aqueles à esquerda. Dois viviam na mesma família, dois trabalhavam na mesma oficina; um "se eleva" entre os eleitos, o outro se "abandona" entre os réprobos (Mt 24, 40-41; Lc, 17, 34).

Elevam-se arrebatados no vôo sobre brancas nuvens os eleitos ao encontro de Cristo, que com pacífico e alegre semblante os convida ao seu seio e ao repouso: "Vinde, benditos de meu Pai, possui o reino que vos está preparado desde a criação do mundo" (Mt 25, 34). E assim, sentarão fazendo majestosa cerca ao trono de Cristo, e "calcarão os ímpios como a cinza debaixo dos seus pés" (Mt 4, 3), segundo o que está escrito: "Os Santos julgarão os deste mundo " (1Cor 6 , 2).

Agora é que se vêem "os ímpios já decaídos sem honra e na confusão entre os condenados à morte perpetuamente"; "dilacerado rotos, em desordem, os pecadores, já inchados de ira, se vêem arrebentar sem falar nem gritar" (Sb 4, 19).

6. - Os remorsos dos ímpios

"Abatidos e atemorizados até os fundamentos despencam ao fundo de uma extrema desolação. Tímidos e lamentadores pensando em seus pecados vêem todos perfilados em distinta e horrível formação para acusá-los (Sb 4, 19-20). "Os próprios Céus revelam sua iniquidade, e a terra se levanta contra eles" (Jó 20, 27) quase testemunhando. E aqueles que não souberam vencer um respeito humano para mudar de vida e costumes, nem superar uma pequena vergonha confiando ao ouvido de um ministro de Deus um pecado pela sua salvação, sofrem agora a confusão inútil de ver descobertos diante de um mundo inteiro suas mais ocultas ignomínias.

Distinguem num só momento todos os inumeráveis e grandiosos benefícios divinos em confronto com a ingratidão da sua correspondência; notam os estranhos abusos feitos dos dons mais assinalados do céu, descobrem todo o artifício admirável de uma infinita benignidade, que procurou sempre conduzi-los à penitência e à salvação. E vêem que a graça jamais faltou a eles, embora eles mesmos faltaram à graça. Conhecem bem agora quanto foi vã desculpa para eles o costume ou a moda contra o Evangelho de Cristo, ou a fragilidade e a debilidade humana tão exagerada contra a lei de Deus.

Também nós - gritam contra os pecadores os eleitos - estávamos vestidos da mesma natureza, rodeados das mesmas enfermidades. Porém nós levamos e sempre como doces e leves aquele peso que vós, como insuportáveis não quisestes nem mesmo olhar.

Nós também, pecadores - acrescentarão outros santos - e grandes pecadores fomos um dia; porém vencemos ocasiões, hábitos, e cuidados para converter-nos de todo coração a Deus. Assim falam os justos "com grande afoiteza, contra aqueles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos" (Sb 5, 1).

"Vendo-os assim, os maus perturbar-se-ão com temor horrível e ficarão assombrados, ao verem a repentina salvação dos justos, a qual eles não esperavam: e dirão dentro de si, tocados de arrependimento, e gemendo com angústia do espírito: Estes são aqueles a quem nós outrora tínhamos por objeto de zombaria e por motivo de vitupérios, nós insensatos, considerávamos a sua vida uma loucura, e a sua morte uma ignomínia. E ei-los que são contados entre os filhos de Deus, e entre os santos até a sua morte. Logo, nós nos extraviámos do caminho da verdade, a luz da justiça não raiou para nós, e o sol da inteligência não nasceu para nós. Cansamo-nos na senda da iniquidade e da perdição, andamos por cominhos ásperos, e ignoramos o caminho do Senhor. De que nos aproveitou a soberba? De que nos serviu a vã ostentação das riquezas? Todas aquelas coisas

passaram como sombra, como um mensageiro fugaz" (Sb 5, 2-9). Mas agora não há mais tempo.

7. - A inexorável condenação

Mas e a vossa misericórdia, ó divino Juiz? - Abusaram em vida. Agora me provem e me chamem também "sem misericórdia" (Os 1, 6).

Mas e o vosso sangue? - Não o quiseram usar para a salvação; sirva-lhes pois agora para a eterna condenação .

E vós, Anjos da Guarda, Santos advogados? E Vós, ó Maria? - Sim, todos cooperaram, todos por eles pediram em tempo oportuno, quando ainda viviam. Agora em um dilúvio tão grande da ira de Deus ninguém há que queira ou que possa aproximar-se deles. Antes, todos glorificando sua Justiça, gritam: "Justos são teus juízos, ó Senhor, justos os teus juízos" (Ap 16, 7). Eis pois, ó Rei, ó Senhor, vingança, vingança contra os nossos inimigos!

Pecadores, pecadores, já troveja o Juiz contra vós a última imutável sentença: "Afastai-vos, afastai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno já preparado para o demônio e aos anjos seus sequazes" (Mt 25, 41).

Abatidos e derrubados por este raio sobre a terra que treme debaixo de seus pés e se escancara, os pecadores tombam como pedra até o profundo abismo: a terra de novo se fecha sobre eles e os eleitos ficam assim sozinhos com Cristo!

Ó bem-aventurada sorte dos justos, que ficarão sempre com Deus! Oh! mísera sorte dos pecadores a penar sempre separados de Deus! Ó sorte muito desigual, porém igualmente imutável! Ó eternidade! O homem estabelecido em tua casa: aí estará para sempre. Ó eternidade! Ó eternidade!

8. - Lancemo-nos nos braços da divina misericórdia

Que mais se espera, portanto, para atirar-se nos braços desta divina misericórdia enquanto ainda é tempo, antes que ela dê lugar à tão por nós ofendida, irritada justiça? Agora é o tempo para ser aceita a nossa penitência; então será de fato vã e inútil. Estes são os dias para assegurar a nossa salvação; naquele dia estará perdida toda esperança. Não nos confiemos no tempo, porque ainda um pouco, e aquilo que está para vir virá e não tardará. Quando menos o pensarmos virá. Descuidar um negócio de tanta importância, é o mesmo que declarar-se querer de fato, perdê-lo. Deferir-lhe a liberação equivale o mesmo que expô-lo ao máximo perigo. Tratar-se de uma alma que perdida uma vez estará perdida para sempre. Trata-se de um estado perpetuamente imutável. Trata-se de uma eternidade de glória e de pena. O que mais se espera? Este homem-Deus, nosso Juiz, que verdadeiramente nos ama, qual Pai amoroso, que para não ver perder-se seus filhos eternamente debaixo do flagelo da sua muito justa vingança, nos ameaça, e nos avisa e clama forte, para que nos esquivemos do áspero golpe fatal. Empenha todo seu sangue para lavar nossos pecados; nos exhibe seus merecimentos para que

sejamos revestidos de um direito justo ao seu reino; nos faz participantes das suas satisfações, para aliviar-nos o peso da nossa penitência. "Vinde - clama - vinde a mim todos vós que estais fatigados e carregados" com o peso dos vossos pecados, "e eu vos aliviarei." (Mt 11, 28).

Ó misericordioso e infinitamente benigno, e amoroso Senhor! É bem digno de ter sua parte com os demônios, quem recusa agora ter parte com um Senhor tão bom. É justo que prove todo o furor da vossa inflexível Justiça, aquele que despreza vossa excessiva misericórdia. E muito merece ser fulminado naquele dia com aquele tão amargo "afastai-vos", quem se faz de surdo a um tão doce "vinde".

Referências Bibliográficas:

1. Pregação X: Il Giudizio Universale, 28 de novembro de 1802.

XI - O FRUTO SUAVÍSSIMO DA PENITÊNCIA (1)

Melhor preparação para nossa reconciliação com Deus não se poderá encontrar do que a que nos ensinou aquele que foi mandado por Deus como precursor de Cristo para preparar seus caminhos. Pois veio João "pregando um batismo de penitência" (Mc 1, 4).

1. - Penitência interior e exterior

Eu falo de penitência interior e exterior como é ordenada aos cristãos.

A interior é realmente virtude, e assim se define: uma sincera conversão do nosso coração a Deus com a qual detestamos os pecados cometidos, e os odiamos, deliberando firmemente emendar a má vida e corrigir os costumes depravados, com a esperança de conseguir o perdão da divina misericórdia.

A exterior, elevada por Cristo à dignidade de sacramento, no que se refere a nós, é uma confissão exterior das próprias culpas, acompanhada de um íntimo e verdadeiro arrependimento e da vontade de, ao menos, satisfazer por elas; confissão feita ao sacerdote para a absolvição que ela nos pode dar em virtude das chaves, ou seja pela autoridade divina a ela comunicada. É sacramento enquanto foi instituída por Deus para um significado sensível, e para operar eficazmente a reconciliação com Deus na alma daqueles que depois do batismo se mancharam com o pecado.

Este é o fruto tão doce da penitência que eu quero fazê-los saborear a fim de que resolvais que não se deve aborrecer como uma planta amarga, que se tem raízes um pouco amarga, sabe produzir, porém, frutos tão amáveis e suaves.

2. - A reconciliação com Deus

A reconciliação com Deus é um complexo de todos os maiores e desejáveis bens.

Primeiramente a remissão do pecado, ou melhor, de todos os pecados. Não existe delito tão grande pela malícia, tão multiplicado pelo número, que a penitência não possa apagar, e não somente uma vez, mas de novo e ainda, infinitas vezes. Temos a palavra do próprio Deus.

Toda vez que - diz Ele - o ímpio, arrependido dos seus desvios, se volte para o caminho reto dos meus mandamentos e da virtude, ele viverá a vida espiritual da minha graça, sem andar confuso em o número infeliz dos mortos para sempre. "Se, no entanto, o mau renuncia a todos os seus erros para praticar as minhas leis e seguir a justiça e a equidade, então ele viverá certamente, e não há de perecer". E de todas suas iniquidade, não importa o número, eu as esquecerei, como se jamais

tivessem sido cometidas: "Não lhe será tomada em conta qualquer das faltas cometidas". Estas são as promessas infalíveis do Senhor em Ezequiel (Ez 18, 21-22).

E de novo no mesmo Profeta: Se eu ameaçar o pecador com a morte eterna, e ele vier a fazer penitência do seu pecado fazendo boas obras, imediatamente terá a vida no lugar da morte. "Se eu afirmar ao pecador que ele haveria de morrer, se renunciando ao mal ele pratica a justiça e a honestidade, ele viverá e será preservado da morte". Todos os pecados cometidos já não lhe serão imputados. Agiu bem, portanto viverá. "Nenhum delito que tenha cometido lhe será imputado. Ele viverá porque terá observado a justiça e a honestidade" (Ez 33, 14-16).

Ele nos assegura pela boca de Miquéias de se aplacar em vista da nossa penitência, prometendo esquecer todas as nossas iniquidades, e atirar todos os nossos pecados no fundo do mar, onde permanecerão sepultados no esquecimento. "Que não se ire para sempre porque prefere misericórdia. Uma vez mais tende piedade de nós. Esquecei nossas faltas e jogai os pecados nas profundezas do mar". (Mq 7, 18-19).

E nós duvidaremos ainda das promessas divinas? A verdade não pode faltar consigo mesma.

S. João diz: Se nós confessamos nossos pecados, Deus é fiel e justo para imediatamente nos perdoar tudo. "Se reconhecemos nossos pecados, Deus aí está, fiel e justo para nos perdoar os pecados" (1Jo 1, 9).

Que dizer deste fruto da penitência? Não é ele precioso? Não nos deve ser caríssimo, plenamente desejável?

Apagar num instante todas nossas faltas, quantas houvermos cometido em tantos anos de vida desregrada, lasciva, escandalosa! Obter um inteiro e seguro perdão, mesmo depois de havermos abusado muitas e muitas vezes da divina misericórdia! Purificar-nos tão perfeitamente a alma, que não mais aparece sombra de manchas negras, íntimas e profundas! E também isto é fruto tão próprio da penitência, que a remissão do pecado de ninguém se pode conseguir, e nem mesmo esperar, sem ela. Por isso está escrito no Evangelho: "Se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo" (Lc 13, 3, 5).

3. - O pecado é a morte da alma

Para conhecer melhor a raridade, a suavidade deste bem, atente um pouco, ó homem, a que o reduziram seus pecados, e a que mais ainda o poderiam reduzir. Já despojaram sua alma da verdadeira vida sobrenatural, e fica um cadáver inerte, deformado, malcheiroso. De fato, assim como a alma é a vida do corpo, assim Deus mediante a graça é a vida da alma. "Este é a tua vida" (30, 20), encontramos no Deuteronômio. É assim como o corpo morre se a alma o abandona, assim morre a alma toda vez que, pelo pecado mortal, expulso da alma, Deus se afasta.

Ó miserável, ó infeliz pecador que aqui me escuta, você diz estar vivo, mas na verdade está morto; "és considerado vivo, mas estás morto" (Ap 3, 1). Quer ver sua morte manifestada? A vida mais se manifesta no movimento e na ação. Agora, diga-me: o que você faz de meritório na ordem sobrenatural? Ou como você se dirige para a feliz beatitude? Se lhe foi tirado até mesmo o poder de agir e o direito de merecer? Tudo o que você faz, ou pudesse ou desejasse fazer, tudo é e seria um movimento inútil, uma ação vã, porque feito sem Deus. Porque conforme S. Agostinho "assim como a alma, enquanto está no corpo, lhe dá vigor, beleza, movimento, e as outras ações aos membros, assim enquanto Deus está na alma, lhe dá sabedoria, piedade, justiça, caridade" (2), que é a raiz do merecimento.

Assim dizia também o Apóstolo: "Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos pobres, e ainda que entregasse meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valeria" (1 Cor 13, 2-3). E não se deve dizer que isto é uma verdadeira e deplorável morte? Está morto!

Todavia, reflita bem, ó irmão, ó irmã, que o pecado devagar, devagar queria levá-lo a uma segunda morte pior, que é perder a vida eterna, à qual você foi criado, sepultando-o em "um lugar onde há fogo inextinguível e ranger de dentes, e o seu verme não morre" (Mt 8, 12; Mc 9, 43).

Ó infelicíssimo, quem quer que seja, que permanece no pecado, você em verdade; pode dizer: "A região dos mortos é a minha morada" (Jó 17, 13). A sentença já foi dada contra mim, apenas cometi a culpa. Nada mais é necessário para que seja executada, senão um sinal do Juiz. Ó infelicíssimo pecador! Sua alma está morta; quem a poderá ressuscitar? Você está condenado à morte eterna: quem poderá livrá-lo? A penitência, somente a penitência.

4. - A penitência é a ressurreição da alma

Se o pecado é a morte da alma, a penitência é a sua ressurreição. Esta realmente o reconcilia com Deus que é sua vida, e assim restitui-lhe a vida. Que coisa mais querida, mais doce que a vida? O que mais precioso, mais estimável desta vida que a penitência lhe dá? Que é uma participação da própria vida de Deus? "Cristo vive em mim" (Gl 2, 20). "A vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Cl 3, 3).

A sentença de morte eterna já lançado contra você, por ela é mudada em direito à vida eterna. Sim: a vida eterna é o fruto suavíssimo da penitência, de uma conversão. Ouvi-o da boca o próprio Deus: "Não me comprazo com a morte do pecador, mas antes com a sua conversão, de modo que tenha a vida" (Ez 33, 11).

O próprio Cristo pela boca do seu Precursor promete o reino dos céus à penitência: "Fazei penitência porque está próximo o reino dos céus" (Mt 3, 2). E certamente a penitência faz o homem "herdeiro, segundo a esperança da vida eterna" (Tt 3, 7); Porque de servo do pecado o faz filho adotivo de Deus. O faz filho,

porque de pecador o transforma em Justo, de inimigo de Deus o traz à sua amizade, o constitui na Sua graça.

Isto nos é muito bem apresentado na parábola do Filho pródigo, como muito vivamente anotou S. Ambrosio (3).

De fato retornando o pecador do seu longo desvio, arrependido, aos pés do seu Deus, e dizendo: Pai, pequei contra o céu e contra vós; aquele pai amoroso o acolhe, dando-lhe no rosto o beijo da paz, e ordena que lhe seja restituída a primeira veste, que é a veste nupcial da caridade e da graça. Coloca em sua mão o anel, que o penhor da fé e o sinal do Espírito Santo; prepara um substancioso banquete celeste: as Carnes puríssimas, o precioso Sangue do seu Unigênito e nosso Salvador, Jesus Cristo, com que o alimenta, o fortifica, o alegra .

5. - Onde abundou a iniquidade aí superabundou a graça

Não é só isso. A penitência faz também que o homem ressurgindo do pecado receba maior graça do que tinha antes dele: daí se confirma freqüentemente que "onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5, 20).

Antes, se pode dizer ainda mais. Pois pela penitência muitas vezes o pecador se dispõe a receber de Deus maior abundância de graças que os próprios inocentes. E assim é, segundo o Evangelista, que os últimos serão os primeiros, e os primeiros os últimos" (Mt 20, 16); que "os publicanos e as meretrizes precederão muitos justos no reino dos céus" (Mt 21, 31) e que "haverá maior júbilo no céu por um só pecador que fizer penitência, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento" (Lc 5, 7).

Ajuntai às novas aquisições a reintegração das perdas. Tantas boas obras feitas quando estávamos em estado de graça e de inocência, tantos merecimentos acumulados antes, e depois saqueados pela culpa mortal, pela penitência revivem e são restituídos.

Convertam-se a mim de todo coração, diz Deus por Joel: "Convertam-se a mim de todo vosso coração: eu restituir-lhes-ei as colheitas devoradas - durante o tempo em que em vocês reinaram as suas paixões - pelo gafanhoto, pelo roedor, pelo devastador e pela lagarta" (Jl 2, 25).

Que consolação para um pecador arrependido ver-se assim enriquecido, depois de tanta miséria! Que alegria ver-se circundado de tanta glória, depois de tanta ignomínia! Como deve ser-lhe alegre a saúde depois de haver provado o mal da enfermidade! Como querida a vida depois das ânsias, das angústias, das agonias mortais! Não mais remorsos, não mais tristezas, não mais temor. Uma paz suavíssima no coração; uma serenidade imperturbável no ânimo, uma tranqüilidade inefável no espírito.

Este é o fruto da penitência, tão doce só em senti-lo com o pensamento, quanto mais saboreá-lo com a experiência! Experimentemo-lo, ó meus irmãos pecadores, e revemos ainda melhor na prova quanto seja suave reconciliar-se com Deus. "Provai e vede como o Senhor é bom" (Sl 33, 9).

6. - Resolução

Convertamos logo, pois, sinceramente nosso coração a Deus; olhando nossos erros e desvios passados, tenhamos para com eles o mais vivo desprazer, a mais forte abominação, o ódio mais resoluto.

Resolvamos com toda a estabilidade e constância emendar seriamente nossa vida e mudar para melhor nossos costumes. E com uma doce esperança, antes, com segura confiança de obter o perdão, confessemos, aos pés do sagrado ministro, todas as culpas cometidas, prontos a ressarcir a Deus e aos homens a conveniente e devida satisfação. Assim lavadas e de novo alvejadas nossas vestes no sangue do Cordeiro, daquele mesmo cordeiro imaculado, Cristo Jesus, que veio para "tirar o pecado do mundo" (Jo 1, 29): nos tornaremos dignos de sair-lhe ao encontro e de ser admitidos ao seu convívio feliz de todos aqueles bens que traz consigo, e de sua própria herança. "Andarão comigo vestidos de branco, porque o merecem" (Ap 3, 4).

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XXXIII: Il frutto soavissimo della Penitenza: 22 de dezembro de 1805.
2. S. Agostinho, In Joann. tract, 12.
3. Expositio in Lucam, 1. VII, 231s.; De Poenitentia, 1 II, c. III,18.

XII - A COMUNHÃO FREQUENTE (1)

1. - As turbas famintas

Quando considero no S. Evangelho o maravilhoso fervor daquelas turbas famintas que seguiam Jesus descuidando de todo outro cuidado; e a pródiga liberalidade com que o divino Mestre correspondeu-lhes alimentando-as prodigiosamente com a multiplicação dos pães (Jo 6, 1-15); vêm-me à mente agradável confronto a devoção dos verdadeiros fiéis para com o augusto e divino sacramento, e a louvável freqüência com que estes costumam aproximar-se do Sagrado Altar, procurando aí aquele amoroso Mestre e Senhor, que por nosso amor quis permanecer entre nós escondido debaixo das espécies sacramentais, até a consumação do mundo.

Se naquelas turbas portanto, se devia admirar o fervor, nestes fiéis é mais para ser estimada a fé que os faz procurar com toda firmeza aquilo que seus sentidos não vêem. Aqui é maior sem dúvida a graciosa correspondência que Cristo dá aos seus afetos, enquanto não multiplica o pão terreno, mas apresenta como alimento a si mesmo para saciar seus espíritos com superabundância.

Que se o fato das turbas evangélicas foi escrito para o incitamento da nossa fé, o exemplo dos verdadeiros fiéis se manifesta cada dia mais para edificação dos muitos cristãos que agora, tépidos e quase frios, muito raramente e quase que à força uma vez por ano, se achegam a Cristo.

Não se deve crer que estes cristãos não tenham prontas suas aparentes razões e sutis desculpas para se dispensarem de freqüentar a sagrada Mesa. São estas justamente que eu julgo dever-se principalmente ter em mira e tirar-lhe das mãos; caso contrario persistindo estas, será vão todo motivo eficaz para persuadi-los.

2. - A primeira desculpa daqueles cristãos que não praticam Comunhão freqüente: "não temos tempo"

a - A Eucaristia é o pão necessário à alma

Uma das mais costumeiras desculpas é que as ocupações do seu estado, o governo da família de que são onerados, não lhes dão tempo nem comodidade como se conviria para se aproximar mais vezes dos sacramentos.

Mas eu perguntarei de boa vontade a esses, se estas obrigações e estes cuidados os impedem de sentar todo dia na mesa terrena; e se pela multiplicidade dos negócios que eles engrandecem, deixam o corpo em jejum mais que um só dia, nem falarei de semanas ou meses. Que se me apresentem a precisão e a indispensável necessidade, eu aceito; e não terá igual precisão e necessidade vossa

alma de freqüente alimento para restaurar as forças perdidas e sustentar-se em vida? Não é talvez a Eucaristia o pão cotidiano da alma? "A minha carne, diz o Senhor, é verdadeiramente comida e meu sangue bebida. Quem come minha carne e bebe meu sangue tem a vida eterna; se vós não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós" (Jo 6, 54-56).

Portanto eles sentem tão bem as necessidades do seu corpo que para satisfazê-las julgam dever muitas vezes ao dia interromper seus cuidados mais interessantes; e são pais insensíveis pela necessidade da alma já lânguida e desfalecida por um jejum tão longo, que não saibam, nem mesmo depois de muitas semanas, encontrar uma breve hora nos dias festivos para alimentá-la com o próprio pão!

b - A Eucaristia é também vantajosa para o bom desempenho dos negócios terrenos

Unindo-se à verdadeira Sabedoria, que é Cristo, sua mente ficaria bem iluminada para dirigir-se prudentemente nos seus interesses. Indo buscar força na própria Fortaleza, estariam preparados para sustentar o peso daqueles cuidados que os agravam, sem ficar oprimidos; antes seriam aliviados e mitigados dizendo o próprio Cristo: "Vinde a mim vós todos que estais sobrecarregados e eu vos aliviarei" (Mt 11, 28).

E talvez não seriam mais ajudados nas suas necessidades?

Eram também simples os próprios discípulos, quando temiam que morressem de fome a numerosa turba que havia abandonado todo seu interesse para seguir Cristo. E vós sabeis como Cristo, pôde multiplicar-lhes o pão de modo que sobraram muitos cestos.

S. Pedro deixando tudo servia Cristo. Ora quando foi abrigado a pagar o imposto, não o providenciou Cristo com dinheiro até boca de um peixe? E uma vez tendo labutado toda a noite no mar sem pegar um só peixe, aparecendo o divino Mestre, trouxe depressa a rede repleta de peixe que sua barca e a de seus companheiros quase afundavam com o peso.

Tanto é verdade que este amoroso Senhor não só se compraz em agraciar as almas, mas toma ainda um cuidado especial pelos interesses daqueles que amorosamente se achegam a Ele.

3. - Segunda desculpa: "o que dirá o mundo?". - "Aquele que se envergonhar de mim, eu me envergonharei dele".

Nós percebemos a utilidade - acrescentam aqueles tíbios e ficamos facilmente convencidos de interromper nossas ocupações e participar mais vezes de tão grande bem. Mas nos perturba a observação do mundo que escarneceria da nossa freqüência e nos dariam apelidos que nos desagradam.

Oh! Desculpa mais digna de ser compadecida que ser combatida! Pois os atuais cristãos se envergonham de seguir Cristo ou de serem chamados cristãos. Estes são semelhantes àqueles principais entre os Hebreus, que acreditavam em Cristo, mas não tinham coragem de aproximar-se dele por respeito aos fariseus e por temor de serem excluídos da Sinagoga.

Fazem mais conta das honras do mundo, que de serem honrados por Cristo. Assim por uma glória vã e caduca perdem uma glória verdadeira e eterna; tendo já Cristo protestado no seu Evangelho: "Quem se envergonhar de mim eu me envergonharei dele; e quem não se envergonhar de confessar meu nome diante dos homens, nem eu me envergonharei de confessar seu nome diante de meu Pai que está nos céus" (Lc 9, 26; 12, 9; Mt 10, 33). E em outro lugar: "Felizes de vós quando rejeitarem como indigno o vosso nome, e disserem todo mal contra vós por causa do meu nome! Alegrai-vos e exultai naqueles dias, porque grande será vossa recompensa no céu" (Mt 5, 2; Lc 6, 22-23).

Certamente se fôssemos convidados cortesmente por um príncipe terreno para sua mesa, e fôssemos aí tratados como amigo e familiar, pouco nos interessaria da crítica vã de um vulgo ignorante, diante da honra que recebemos do príncipe e dos seus cortesãos; nem perderíamos por fúteis cuidados uma graça tão favorável.

4. - Pode-se tornar digno com um sincero arrependimento e uma boa confissão

Mas, nós - aceitamos -, se nos reconhecêssemos dignos nos aproximaríamos do Sacramento de boa vontade; mas somos pecadores, cheios de imperfeições, e distantes daquele fervor em que se encontram tantas almas boas; tememos recebê-lo mais como condenação que como salvação. Eis a última desculpa e o argumento que lhes parece invencível, com o qual acobertam sua tibieza.

Eu quereria, portanto, - já que eles apresentam a palavra do Apóstolo: "Quem come indignamente, come a própria condenação" - refletissem ainda o conselho que imediatamente acrescenta e o seguissem: "que cada um se examine a si mesmo, e assim coma deste pão" (1Cor 11, 28-29). Estas palavras são interpretadas com toda segurança pela prática constante de toda a Igreja, que examinando o homem fiel e sua consciência, e encontrado-a ciente de culpa grave, corra arrependido a purgá-la no Sacramento da Confissão com firme propósito de não mais pecar; "e assim coma deste pão"; e feito isto coma, todavia, isto é, sem nenhum temor, daquele pão do qual diz S. Agostinho: "Recebei-o com segurança, que é pão, não veneno" (2). E se Cristo é vida e vem para dar a vida, como justamente para aqueles que vão recebê-lo para viver, será morte? E se Ele morreu para dar a vida quando nós "éramos inimigos", como agora àqueles que "foram reconciliados" e lavados no seu sangue, dará a morte eterna e a condenação?

Deveriam lembrar da acolhida amorosa que fez o Pai evangélico ao próprio filho: o qual voltando atrás depois de ter consumido seu patrimônio nos vícios mais infames, confessando haver pecado, teve imediatamente os sinais do mais terno afeto, e revestido da primeira estola foi introduzido na casa paterna àquele alegre banquete.

Advirtam, pois, bem que todos estes importunos temores são enganos falaciosos do demônio. "Entendam bem isto - diz S. Cirilo - todos os batizados, tornados participantes da divina graça; que se recusam por longo tempo por uma fingida religião ou por um danoso medo de comungar, privam-se da vida eterna; pois este não querer recebê-lo, embora pareça que venha do temor e da humildade, escandaliza e arma laço para as almas. Conviria ao contrário, que com todo esforço e solicitude se pusessem a limpar a própria alma, e empreender um novo sistema de vida, e portanto se apressassem em participar da Vida. Mas sendo muito variada a arte que o demônio usa para enganar, antes leva o homem a viver licenciosamente; e depois que está bem cheio de vícios e de pecados, induz ao horror ao sacramento do qual poderia ser curado". Até aqui o santo (3).

b - A Eucaristia é um excelente remédio para a alma

S. Ambrósio, S. Agostinho e S. Bernardo também nisto concordam dizendo ser a Eucaristia um excelente remédio contra o pecado (4).

S. Cipriano assim escreve: "O cálice inebriante do Senhor, que leva a mente à sabedoria espiritual, e quem o saboreia, do sabor humano se encaminha para a inteligência e para o gosto de Deus. E como a quem bebe este vinho terreno e comum se esclarece a mente, o ânimo se alegra e se manda para longe a tristeza; assim, experimentada a bebida salutar do Sangue do Senhor, perde-se a memória do homem velho, esquece-se a antiga conversa secular, e o peito oprimido pelos pecados que a angustiavam, agora, para alegria do dom feito a ele por Deus, se resolve das angústias, se alivia das fadigas " (5) .

5. - QUARTA desculpa: "não sentimos fervor". - "Aproximai-vos do fogo"

Quanto aos que não querem comungar e aduzem a falta de fervor, fazem justamente como se as pessoas com frio não quisessem aproximar-se do fogo se antes não se esquentassem; enquanto segundo o Damasceno "A Eucaristia é um carvão aceso que afasta o frio e a tibieza" (6); daí como os que se afastam do fogo se tornam cada vez mais frios, assim estes alienando-se sob diversos coloridos pretextos deste fogo celeste, finalmente ficarão gelados e totalmente endurecidos.

"É coisa salutar e útil ao homem - determina S. Boaventura - que se prepare para tomar muitas vezes este remédio e se esforce por tomá-lo o mais devotamente possível. E embora alguma vez aconteça que se sinta todo árido e sem fervor, embora confiante na divina misericórdia o receba confiantemente; porque, se ele se reputa indigno, pense que é muito mais necessário procurar o médico, quanto mais se sente estar enfermo" (7).

6. - O convite do divino Amante das almas

Eu confesso que depois de haver respondido às objeções destes tímidos, e, quase os desarmado dos argumentos com que se cobriam, agora que só resta impelir seus corações, seria conveniente assim tê-lo eu bem inflamado e ardente para poder fazer isto com eficácia.

Eu sei por outro lado o que devo fazer. Pedirei a eles que dêem uma só olhada para aquele sagrado Cibório, e escutem no coração o doce convite que faz-lhes este divino Amante das almas.

"Vinde e comei". Eis que o banquete eu vos preparo; aquele mesmo alimento de que se nutrem no Céu os Príncipes da minha corte, este mesmo a vós eu apresento, peregrinos e exilados aqui na terra: tomai e comei: "isto é o meu Corpo; isto é meu Sangue" (Mt 26, 26 - 28), com os quais vos redimi dos vossos pecados e da servidão dos vossos inimigos.

Vede quantos padecimentos, que agonias, que morte me custou preparar-vos esta mesa. Poderíeis vós render-me maior gratidão, que fazer-me a vontade de que freqüentemente a useis? Eis que eu estarei todos os dias e todas as noites convosco até o fim, e vós deixareis correr os anos inteiros antes de chegar-vos a mim? Assim tão pouco cuidais do meu Amor? A quem ireis portanto para receber a vida; se não vindes a mim que somente eu a posso dar? Quem saciará os desejos do vosso coração, senão eu que sou vosso "Princípio", assim sou também o vosso "Fim"? Por que temeis em aproximar-vos de mim?

Eu sou vosso Pai, Mestre, Amigo, Irmão; e se vós estais doentes eu sou vosso Médico, sou a vossa salvação, e serei um dia a vossa Felicidade, a vossa Glória.

Se eu aqui morasse em um trono com todo esplendor da minha Majestade, aceitaria talvez a vossa timidez e pusilanimidade; mas como estou no Sacramento escondido e familiarizado tanto com os homens, porque não vos aproximais com toda confiança sabendo que "todas as minhas delicias são estar convosco"? (Pr 8, 31).

Ah! meus irmãos, quem entre vós será de sentimento tão duro que não ouça estas amorosas palavras e estes exigentíssimos convites no mais íntimo do seu coração?

Felizes aqueles que ouviram a divina voz; mais felizes se aguardam para observá-la! Felizes os que ouvem e guardam" (Lc 11, 28).

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XVII: La frequente comunione, 20 de março de 1803.
2. In Joannem tract. 26.
3. S. Cirilo Alexandrino, In Joann. , VI, 35.
4. S. Ambrosio, De Sacramentis, c. III, in Ps. CXVII, Serm. XV, 18; S. Agostinho, In Joann, tract 26: Panis est non venenum, como em S. Tomas, III, q. 79, a, 6c.; S. Bernardo, Serm. in Coena Domini, 3.
5. S. Cipriano, lettera LXIII 2.
6. S. João Damasceno, De fide orthodoxa, 1. 4, c, 13.
7. S. Boaventura, De profectu Religiosorum, 1. 2, c. 77.

XIII - PERSEVERANÇA (1)

Irmãos, vós já estais reconciliados com Deus, reconduzidos à casa do vosso bom Pai celeste, e alimentados na sua divina Mesa. O vosso coração está em paz e vós já começastes a provar "quão suave é o Senhor e quanto é rica sua misericórdia" (Sl 33, 9).

Já estabelecestes de não mais sair dos braços do vosso bom Pai, e de "morar na sua casa todos os dias da vossa vida" (Sl 26, 4).

Eu me alegro com vosso fervor. Mas ouvi aquilo que brevemente meu coração deseja dizer-vos para fortificar vosso ânimo nos seus propósitos, para prevenir qualquer perigo, para animar-vos a uma santa perseverança.

1. - Apresentando-se para o serviço de Deus prepara tua alma para a provação

O Espírito Santo avisa nas escrituras quem "entrar para o serviço de Deus, preparar sua alma para a provação" (Eclo 2,1).

Invejoso o demônio do bem da alma, apenas percebe que alguma se quer colocar-se no caminho certo e dar início com bons propósitos, usa todos os artifícios para fazê-la voltar atrás; e para enredar-lhe e intrincar-lhe o caminho e, colocar-lhe diante dos olhos a dificuldade e o aborrecimento de uma longa e penosa viagem, a fim de que se aborreça e logo perca o ânimo. E como poderás - diz ele a um destes pecadores apenas convertidos a Deus - como poderás tu agüentar trinta, cinqüenta ou sessenta anos de vida que ainda te restam, com esta maneira tão difícil de proceder? Sempre resistir contra tuas paixões, jamais satisfazer um capricho, sempre mortificar teus sentidos, jamais alegrá-los com um entretenimento agradável; sempre velar sobre os movimentos do coração sem jamais ter repouso, nem paz? Assim ele fala; e de tal modo insinua uma das mais fortes tentações difícil de superar-se e até mesmo de conhecer. Cuidai, porém, das sutis astúcias dos seus enganos.

2. "Não pensar no amanhã"

O demônio apresenta como certo e amplia muito um longo espaço de tempo que na verdade é muito incerto, não podendo o homem assegurar nada nem mesmo no dia de hoje; Daí é que no Evangelho somos advertidos de "não pensar no amanhã" (Mt 6, 34). Isto é exatamente no nosso caso o que vós deveis fazer para frustrar suas maquinações: viver cada dia como se não restasse mais tempo de vida. Quem é que facilmente, não agüenta a fadiga de um dia só? Muito mais conhecendo o prêmio que Deus preparou para quem virilmente combate contra seus inimigos, e a "salvação" prometida aos "perseverantes" (Mt 10, 22; 14, 13), e a

"glória eterna", a ser conquistada, à qual "não são condignas todas as tentações" que se possam sofrer "neste mundo " (Rm 8, 18) .

E se vos for concedido de viver também amanhã, amanhã tornareis a estabelecer os vossos propósitos e a agir por aquele dia, como se outros não fossem dados para ganhar o céu. Quem saberá dizer quanto a morte, que é justamente a meta do vosso curso, está distante de vós? Que seria pois de vós, se depois de haver feito o mais, que é pôr-se de viagem, parasse de correr, julgando muito longe o final quando talvez não vos restam senão poucos passos para atingi-lo? E vós perderíeis infelizmente aquela corrida a que fostes chamados em grau superior, e outros conseguiriam pegar aquela coroa que era preparada para vós.

"Ai daqueles - diz o Espírito Santo - que perderam a paciência, que saíram do caminho reto, e se transviaram aos maus caminhos" (Eclo 2, 16). Ai, ai deles! Por poucos dias - que talvez são menos do que se pensa - perder uma eternidade! Que loucura!

Que extravagância! Que loucura!

3. - O caminho da virtude se torna logo fácil e agradável

O engano desta tentação é fazer parecer que a fadiga e a dificuldade que se sentem no princípio quem renuncia aos falsos prazeres do pecado e se põe a servir a Deus, deva durar sempre igual por toda a vida, antes deva crescer tornando-se cada dia mais molesta a privação dos prazeres passados, o que é abertamente falso. Pois a fadiga não dura senão um certo tempo; portanto se torna fácil com o costume o que antes era difícil, ou se faz sumamente agradável e gostoso. Assim de fato está escrito no Eclesiástico: "O homem paciente esperará até um determinado tempo - e depois? - após o qual a alegria lhe será restituída" (Eclo 1, 29).

"Eu te mostrarei - diz o Espírito Santo nos Provérbios - eu te mostrarei o caminho da Sabedoria" (Prov. 4, 2). A Sabedoria segundo a etimologia do nome equivale a "saborosa ciência" de Deus; daí é como se dissesse: Eu te mostrarei o caminho pelo qual tu chegarás a saborear e gostar muito de conhecer, amar, servir Deus, como os Santos fizeram.

Qual é este caminho? "Eu te conduzirei pelo caminho da equidade". Eis no princípio os caminhos estreitos da virtude, que tem difícil ingresso; mas quando entrares nestes caminhos, não mais serão retidos teus passos, e correndo não terás mais tropeços" (Pr 2, 12); e é o que diz o Sábio em outro lugar: "Vede com vossos olhos o pouco que trabalhei, e como adquirir grande paz" (Eclo 51, 35). E no Salmo ainda se lê: "Grande paz têm aqueles que amam vossa lei, não há para ele nada que os perturbe" (Sl 118, 165).

Observai que não diz o Espírito Santo: quando terminardes de passar por este caminho, então encontrarei a estrada fácil e plana; mas "quando entrardes

nele"; porque desde o principio o Senhor começa a dar muitas satisfações e a acariciar aquelas almas que vê resolvidas em aplicar-se ao seu serviço e a combater seus maus hábitos. Porque se não se detêm e não desanimam, Ele continua a favorecê-las até que as tenha colocado "a sentar-se junto com seu povo na beleza da paz" (Is 32, 18), em que suavemente agindo o espírito repousa em Deus.

Por isso diz o Eclesiástico em outro lugar: "nesta obra - isto é, na aquisição da Sabedoria - terás pouco trabalho, mas em breve comerás os seus frutos "(Eclo 6, 20).

E o Apóstolo escrevendo aos Hebreus: "É verdade que toda correção - isto é, nestes princípios - parece, de momento, antes motivo de pesar que de alegria. Mais tarde, porém, granjeia aos que por ela se exercitaram o melhor fruto da justiça e da paz" Hb 12, 11).

Se vós, porém, corajosamente vos resolverdes e não fizerdes caso destas primeiras dificuldades, vereis quão depressa se voltará o vosso coração pleno de consolação e de alegria para bendizer o Senhor que vos mostrou o caminho para chegar a tanta paz.

4. - No caminho da virtude Deus está sempre conosco

Deus não se contenta somente em mostrar-nos o caminho, mas se apresenta ainda para conduzi-lo nele: "Eu te conduzirei pelo caminho da equidade". Refleti bem nisto, porque deste modo respondo àqueles terrores que vos perturbam o coração e que o inimigo procura excitar em vós a fim de fazer-vos cair dos vossos propósitos.

Seja longo quanto for o caminho que vos resta percorrer; que não cesse mais a fadiga para vos manter; sejam graves os perigos que se encontrem, fortes os inimigos que vos impugnam, perpétuas as insídias que vos são desfraldadas; se o Senhor está convosco: "do que temeis vós"? (Sl 26, 1). "Pois se o Senhor está à minha direita não vacilarei". Como tendes medo de cair? (Sl 15, 8). E "não te assustes por causa deles, porque tens o Senhor, teu Deus, no meio de ti, um Deus grande e temível" (Dt 7, 21-22). Se Ele enfim "cuidar sempre de guardar vossos passos e livrar vossos pés dos laços, como poderão ser presos?" (Pr 3, 26).

"O vosso espírito de bondade, - dizia o Salmista, - me conduza pelo caminho reto" (Sl 142, 10): que maior segurança?

5. - Necessidade de ininterrupta oração para perseverar no bem

Vós vedes muito bem que quando uma alma é guiada pelo Espírito de Deus segue segura. Notai ainda que este espírito Ele prometeu a quem lho pedir.

"Se vós que sois maus - assim fala Cristo no seu Evangelho - sabeis dar a vossos filhos aqueles dons que eles vos pedem e que a vós foram dados por Deus,

quanto mais o vosso Pai que está nos céus dará o Espírito Santo a quem o pedir?" (Lc 11, 13). "Pedi e recebereis; tudo aquilo que rezando pedirdes, crede que o recebereis e vos será feito (Mt 7, 7). Eis a palavra de Deus.

Parecer-vos-á agora que Ele não seja suficientemente poderoso para manter sua palavra? Sabei, "tudo aquilo que Ele quis Ele fez" (Sl 113, 3). Direis que Ele não queira? Responde o Apóstolo que "Deus não pode negar-se a si mesmo" (2 Tm 2, 13). E o divino Verbo já disse de si mesmo: "Eu sou a verdade" (Jo 14, 6). Não pode deixar de ser Deus; portanto não pode deixar de cumprir suas promessas.

Que resta, pois? Nada mais senão que vos coloqueis a condição à que Ele obrigou sua infalível Palavra. Resta que pergunteis: porque Aquele que começou em vós a boa obra da vossa santificação dando-vos a graça para converterdes, o mesmo a cumpra socorrendo-vos com eficazes auxílios até o fim. Não há lugar em que não possais pedir este socorro: "em qualquer lugar" (1Tm 2, 8). Não há tempo em que possais ser impedido: "orai sem cessar" (1 Tes 5, 17). Não é necessário estender-vos em longos discursos: "não multipliqueis as palavras" (Mt 6, 7). Se a língua for impedida, bastam os olhos para interceder, e interceder com toda prontidão: "Para os montes levanto os olhos: de onde me virá socorro" (Sl 120, 1). mesmo calando todo outro sentido, falam os desejos que são ouvidos no seu nascimento antes ainda que o coração se aperceba bem de havê-los formados: "Deus ouviu o desejo dos pobres; a preparação do coração deles teus ouvidos ouviram (Sl 9, 37).

6. - Ação e oração

Coragem, pois, irmãos. Se o tempo é breve, breve será a fadiga; e se o próprio Deus vem em nosso auxílio, estabeleçamos as nossas vontades, confirmemos nossos propósitos, corramos sem parar até que cheguemos e tenhamos aquilo a que devem ser dirigidos todos os pensamentos da nossa mente; todos os desejos do nosso coração. Imitemos aqueles rios rápidos que jamais se detêm no seu violento curso até que cheguem ao mar; ou aquela enorme pedra, que destacando-se da montanha pedregosa dos altos cimos dos montes, desce rapidamente arruinando toda sebe, despedaçando todo embaraço até que repouse, quase no seu centro no vale.

Fixemos com os olhos da nossa mente o nosso fim que é Deus, nem jamais o percamos de vista; trabalhemos constantemente, rezemos sem interrupção, e combatamos com valor sem nos cansar ou sem ceder jamais enquanto não chegarmos a possuí-lo.

Se colocamos a mão no arado, não voltemo-nos para trás, porque quem coloca a mão no arado e volta para trás não é apto para o reino de Deus, diz o Evangelho (Lc 9, 62); mas esqueçamo-nos de fato das passadas fadigas, estendamos sempre para frente os nossos desejos para coisas maiores" (Fl 2, 13).

Se estivermos assim resolvidos desde o princípio, cessará bem depressa todo trabalho e toda dificuldade; pois não existe coisa que mais assustem nossos inimigos quanto um ânimo corajoso. Assim como a quem se mostra tímido e irresoluto eles não cessam de perturbar ou de interromper o caminho com várias tentações molestas assim, assim - como diz um grande santo que o provou em si mesmo (2) - as ousadas resoluções de um coração generoso são suficientes para afugentá-los de modo que não mais ousem voltar para perturbar. Se não conseguíssemos na primeira sair com tanta coragem para romper no primeiro assalto os nossos adversários, não nos impressionemos; e se combatendo acontecer, por nossa fraqueza, de receber alguns ferimentos, não desanimemos; mas sabendo que é rápido e eficaz o remédio, restabeleçamo-nos logo com mais coragem que antes, e confiando muito mais em Deus, prossigamos o nosso curso; e quando menos esperarmos, veremos superadas todas as dificuldades, debelado todo inimigo, e assegurada para nós aquela coroa que é prometida a quem combate "legitimamente", isto é com perseverança até o fim.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XVII: La Perseveranza, 11 de abril de 1803.
2. S. Inácio de Loyola.